



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO

Julia Botelho T. Alves

**A importância da conservação do patrimônio funerário:
o caso do túmulo de Marechal Hermes da Fonseca**

Rio de Janeiro

2017

Julia Botelho T. Alves

**A importância da conservação do patrimônio funerário:
o caso do túmulo de Marechal Hermes da Fonseca**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca
examinadora do Departamento de História da Arte da Escola de
Belas Artes do Centro de Letras e Artes como requisito para a
obtenção de Título de Bacharel em Conservação e Restauração
pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientadora:
Prof.^a Ma. Benvinda de Jesus Ferreira Ribeiro

Rio de Janeiro

2017

CIP - Catalogação na Publicação

A474i Alves, Julia Botelho Tavares
A importânci da conservaçao do patrimônio
funerário: o caso do túmulo de Marechal Hermes da
Fonseca / Julia Botelho Tavares Alves. -- Rio de
Janeiro, 2017.
72 f.

Orientadora: Ma. Benvinda de Jesus Ferreira
Ribeiro.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Conservação e Restauração,
2017.

1. Bens integrados - conservação. 2. Patrimônio
funerário. 3. Túmulo de Marechal Hermes - estudo de
caso. 4. Cemitério de Petrópolis, RJ. I. Ribeiro,
Ma. Benvinda de Jesus Ferreira, orient. II. Título.

Julia Botelho T. Alves

**A importância da conservação do patrimônio funerário: o caso do túmulo de Marechal
Hermes da Fonseca**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora do Departamento de História da Arte da Escola de Belas Artes do Centro de Letras e Artes como requisito para a obtenção de Título de Bacharel em Conservação e Restauração pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Ma. Benvinda de Jesus Ribeiro.

Ana Paula Corrêa

Benvinda de Jesus Ferreira Ribeiro (orientadora)

Kátia Correia Gorini

Rio de Janeiro

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais por me darem força para escolher o caminho que me fizesse feliz independentemente de qualquer coisa. Agradeço também por terem aguentado minhas reclamações frequentes, por terem acordado de madrugada para me acompanharem até o ponto de ônibus e por acreditarem em mim, mais até do que eu mesma.

Agradeço pela presença da minha avó Luzia em minha vida, mesmo que hoje já não seja física. Sua sabedoria, compaixão e amor vão me encorajar para sempre.

Às minhas amigas e primas, sou grata por seus conselhos, por estarem sempre ao meu lado e por tornarem minha vida mais feliz. Agradeço, especialmente, à Larissa e à Jéssica, por servirem como fonte de inspiração – e ajuda – para minha vida acadêmica.

Obrigada a todos os professores que tornaram possível a realização do curso de conservação e restauração. À professora Ana Paula, agradeço por ser uma professora inesquecível, com sua didática e ética, exemplares. Poucas aulas foram tão prazerosas quanto as suas.

Obrigada à minha orientadora, professora Benvinda de Jesus, por todo estímulo, paciência e dedicação. Sem sua orientação este trabalho não teria chegado aonde chegou.

Também agradeço à UFRJ, por ter proporcionado grande crescimento pessoal e por ter expandido meus horizontes.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que me ajudaram, direta ou indiretamente, no longo caminho que percorri durante a minha formação.

"Não se morre por acidente, doença, velhice. Morre-se por ser mortal, morre-se por viver, por ter vivido. A morte, ou a angústia da morte, ou a certeza da morte, é o próprio sabor da vida, seu amargor essencial. Como a cerveja tem gosto de cerveja, assim a vida tem gosto de morte".

(Sponville, Bom dia, Angústia!, p. 49, 2000)

RESUMO

Este trabalho trata do estudo acerca da busca da valorização do patrimônio funerário de Petrópolis em face ao estado de conservação do túmulo de Marechal Hermes da Fonseca. Para isto foi realizada uma pesquisa sobre a preservação do patrimônio histórico e cultural da humanidade, demonstrado como os espaços cemiteriais podem ser enquadrados dentro da categoria dos bens patrimoniais, além de serem objetos ou fontes de pesquisa com diversas abordagens. Foram investigadas, também, as responsabilidades e dificuldades relativas à proteção dos acervos funerários no Brasil. Neste sentido foi realizado um levantamento histórico do cemitério de Petrópolis, bem como a pesquisa sobre a relação do Marechal Hermes com a cidade. O estudo de caso teve como proposta, além de analisar o estado de conservação do túmulo e as particularidades de seu material, encontrar medidas de preservação práticas para que esses bens tão vulneráveis se perpetuem. Neste trabalho buscou-se refletir como o olhar da sociedade sobre o objeto funerário é importante para reconhecimento e preservação dos cemitérios.

Palavras-chave: Bens integrados, Conservação, Patrimônio Funerário, Túmulo de Marechal Hermes.

ABSTRACT

This work deals with the study about the search of the valorization of the funeral heritage of Petrópolis in face of the state of conservation of the tomb of Marshal Hermes da Fonseca. For this, a research was carried out on the preservation of the historical and cultural heritage of humanity and demonstrated how the cemetery spaces can be classified within the category of the cultural goods, besides being objects or sources of research with diverse approaches. It was also investigated the responsibilities and difficulties related to the protection of funeral collections in Brazil. In this sense a historical survey of the cemetery of Petrópolis was carried out, as well as the research about the relation of Marshal Hermes with the city. The case study had as proposal, besides analyzing the state of conservation of the tomb and the particularities of its material, to find practical measures of preservation so that these so vulnerable goods are perpetuated. In this work we sought to reflect how the society's view on the funerary object is important for the recognition and preservation of cemeteries.

Keywords: Integrated goods, Conservation, Funeral Heritage, Marshal Hermes' Tomb.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cemitério da Recoleta.....	21
Figura 2 – Planta da Imperial Colonia de Petrópolis em 1854.....	24
Figura 3 – Pormenor Cemitério de Petrópolis 1854.....	24
Figura 4 – Vista aérea do Cemitério.....	25
Figura 5 – Cemitério de Petrópolis.....	26
Figura 6 – Placa explicativa Cemitério de Petrópolis.....	27
Figura 7 – Exemplo de arte tumular no Cemitério de Petrópolis.....	29
Figura 8 – Alegoria cristã no Cemitério de Petrópolis.....	32
Figura 9 – Pranteadora, família de Lorenzi, Cemitério da Santa Casa.....	34
Figura 10 – Túmulo Raul de Leoni.....	39
Figura 11 – Detalhe túmulo Raul de Leoni.....	39
Figura 12 – Hermes e a noiva Nair após a cerimônia religiosa.....	42
Figura 13 – Inscrição na lateral do túmulo.....	43
Figura 14 – Frente Túmulo Marechal Hermes.....	44
Figura 15 – Lateral Túmulo Marechal Hermes.....	44
Figura 16 – Placa de homenagem.....	45
Figura 17 – Fenda na parte frontal do túmulo.....	47
Figura 18 – Fenda na lateral esquerda do túmulo.....	47
Figura 19 – Fenda na lateral do túmulo.....	47
Figura 20 – Erosão no Cristo crucificado.....	48
Figura 21 – Crosta na base da coluna.....	49
Figura 22 – Depósito de fuligem.....	50
Figura 23 – Alteração cromática alaranjada.....	51
Figura 24 – Sujidade.....	52
Figura 25 – Plantas crescendo no túmulo.....	53
Figura 26 – Restos de concreto agregados ao mármore.....	54
Figura 27 – Intervenção inadequada.....	55
Figura 28 – Retrato memorial deteriorado.....	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEC – Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais

AMA-CENTRO HISTÓRICO – Associação de Moradores e Amigos do Centro Histórico

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

ICOMOS – ISCS – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios – Comitê Científico Internacional para Pedra

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

QR – Quick Response

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

UV – Ultra Violeta

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. A PRESERVAÇÃO DOS BENS CULTURAIS.....	15
1.1 - Os cemitérios como patrimônios a serem preservados.....	18
2. O CEMITÉRIO MUNICIPAL DE PETRÓPOLIS.....	22
2.1- Arte tumular.....	28
2.1.1 - Alegorias.....	31
2.1.2 - Materiais.....	35
2.2-As medidas de proteção do cemitério e de seus bens integrados.....	37
3. ESTUDO DE CASO: O TÚMULO DE MARECHAL HERMES DA FONSECA	41
3.1- História, arte e técnica.....	41
3.2 - Estado de conservação.....	45
3.3 - Medidas práticas de conservação.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	64
ANEXO 1.....	68
ANEXO 2.....	73

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata da investigação acerca da valorização do patrimônio funerário de Petrópolis e da avaliação de medidas de preservação do Cemitério Municipal da cidade face do estado de conservação de seus bens integrados, mais especificamente, o caso do túmulo do presidente Marechal Hermes da Fonseca.

Fundado em 1856, o Cemitério Municipal de Petrópolis guarda um importante acervo histórico, possuindo considerável potencial turístico. Nele estão os túmulos de figuras com relevância nacional e internacional, como o presidente Marechal Hermes da Fonseca, o escritor austríaco Stefan Zweig, além da campa do engenheiro que projetou Petrópolis, o major Júlio Frederico Koeler.

Observar o que uma região ou cidade preserva, é uma dentre as várias formas que se tem para compreendê-la. Nos dias de hoje encontram-se cemitérios que se destacam como referências para determinada sociedade, de acordo com os diferentes valores que carregam, quais sejam: históricos, artísticos, sociais, arquitetônicos ou religiosos (CASTRO, 2010).

No entanto, a valorização histórica e artística dos cemitérios enquanto patrimônio de cultura ainda é modesta, se comparada a outros lugares, costumes e edificações tradicionalmente reconhecidos como legados para a humanidade. Segundo Elisiana Trilha Castro (2010), “numa análise da cidade atual, observa-se diferentes modos de encarar a morte e os mortos, existindo uma tendência a afastá-los ou apresentá-los na paisagem da localidade e no cotidiano de um modo menos marcante”. As pessoas de um modo geral demonstram certa resistência quando se trata desse assunto. Neste sentido, nota-se que até as novas práticas de preservação e conscientização relativas a esses espaços podem ser uma forma de distanciar este sentimento de perda – apesar de não ser essa sua principal finalidade – promovendo novos usos para os cemitérios e incluindo-os na categoria de bens patrimoniais (CASTRO, 2010).

A partir da análise, seja de um túmulo ou da totalidade do conjunto cemiterial, é possível investigar a respeito da configuração dos cemitérios e de tudo que ela pode significar. Sendo assim, os locais de sepultamento passam a ser vistos como objetos ou fontes de pesquisa, e não apenas como locais de sepultamento.

De acordo com o verbete “estudos cemiteriais” no Dicionário do Patrimônio Cultural do Iphan:

Diferentes modalidades e políticas de enterramentos, tipologias tumulares, epítáfios, materiais geológicos, esculturas e adornos tornaram-se elementos de uma cultura material funerária, que, ao serem analisados e interpretados, permitem uma compreensão sobre representações individuais e coletivas de uma dada época. (GRASSI, 2016)

Os cemitérios também possuem coleções compostas por exemplares de arte e arquitetura, que documentam a evolução social, artístico-cultural, política, religiosa, científica e até mesmo plástica de uma região, podendo ser considerados espaços museais, além de abrigarem os restos mortais de personalidades que tiveram papel fundamental na formação e no progresso de uma localidade (COSTA, 2016).

Os conjuntos arquitetônicos e artísticos encontrados nas necrópoles, podendo ser analisados como documentos e investigados sob diferentes perspectivas, devem ser conservados de maneira em que se possa apresentá-los em sua forma original ao público. A ciência da conservação, e em alguns casos, também a da restauração são imprescindíveis para o favorecimento da continuidade dessa originalidade, de modo a promover a plena funcionalidade, identidade e fruição dos objetos.

Este estudo tem por objetivo contribuir para a reflexão acerca do patrimônio artístico e histórico da cidade de Petrópolis, ao analisar as medidas de proteção existentes e ao destacar a necessidade de cuidados específicos em face de seu acervo cemiterial, incentivando a população a evidenciar a identidade social e cultural das obras e do lugar. A bibliografia relacionada ao Cemitério de Petrópolis em específico, ainda é muito limitada, para não se dizer ínfima. Sendo assim, faz-se necessária uma pesquisa nesta área.

Com a expansão e o desenvolvimento de pesquisas sobre o tema “morte”, “mortos” e “morrer” a partir dos anos 2000, foi notável o aumento na produção de dissertações e teses com enfoque nos estudos cemiteriais, envolvendo diferentes áreas do conhecimento como a história, arquitetura, artes, sociologia, antropologia, psicologia, geografia, direito, literatura, turismo entre outras (GRASSI, 2016). Este estudo compreende apenas uma das possibilidades de abordagem existentes que podem vir a ser pesquisadas sobre o Cemitério de Petrópolis.

A continuidade e aprofundamento dos estudos relacionados à arte fúnebre vêm revelando diversos caminhos para pesquisas, afirmado a importância histórica, artística e cultural dos cemitérios, e resultando numa aproximação da sociedade com esses espaços.

Uma das consequências dessa aproximação e recente interesse da população é o turismo cemiterial. Este novo segmento turístico promove a visitação dos cemitérios e assim gera uma outra funcionalidade para além daquela originalmente concebida, que é a de servir apenas como o local reservado ao enterramento dos mortos. A visita aos cemitérios, além de proporcionar o turismo cultural e patrimonial, também constitui cenário para ações de educação patrimonial.

Por meio da visitação a esses espaços, a população é sensibilizada sobre a importância e a necessidade de ações de preservação direcionadas aos elementos constituintes do acervo funerário, compreendendo a relação que esses bens possuem com a história da cidade, com as personalidades que ali se incluem, destacando e promovendo seu potencial enquanto patrimônio de cultura. Para tanto é necessário que este acervo seja atrativo e esteja em bom estado de conservação, gerando uma interdependência: um acervo bem cuidado atrai o interesse, pessoas interessadas estimulam o cuidado desse patrimônio. É neste sentido que se coloca a necessidade e a importância de ações de preservação para manter viva a memória contida nestes objetos.

Entretanto, pode-se observar que apesar do crescente interesse da sociedade por este tema, ainda há, em grande medida, certo distanciamento das questões relacionadas com os cultos dos mortos, que muitas vezes, restringe as visitas aos cemitérios, ao Dia de Finados. Sendo assim as políticas públicas podem não compreender que a preservação dos cemitérios deve ser uma das premissas para que haja a aproximação da sociedade.

Neste sentido, iniciativas pretendem impulsionar o estudo histórico, artístico e arquitetônico da composição funerária dos túmulos, o estudo dos materiais empregados em sua construção, a identificação de seus bens integrados e a representatividade de seus signos, são essenciais no propósito da obter a melhor estratégia possível para a salvaguarda desse acervo. Estes estudos podem servir como base para que as autoridades competentes possam melhor compreender a importância e a necessidade de ações direcionadas à preservação dos bens cemiteriais enquanto patrimônios de cultura da cidade.

Presentes em roteiros histórico-culturais, no Brasil e no mundo, os cemitérios se transformaram em um dos muitos lugares que se destacam para se conhecer uma cidade. Cidades como Paris, Buenos Aires, Joinville e São Paulo incluem cemitérios como opções de turismo cultural, como um local onde se encontra parte da memória da cidade visitada (CASTRO, 2008).

Portanto, é possível dizer que o Cemitério de Petrópolis tem grande potencial turístico e cultural. Ações educacionais voltadas à preservação e reconhecimento do patrimônio, bem como visitas guiadas são propostas que tornariam o cemitério da cidade um espaço mais atrativo, no sentido cultural e social, promovendo maior acesso do público local e de turistas que visitam a cidade.

Nesta perspectiva, o objetivo deste trabalho é avaliar as medidas de preservação do Cemitério Municipal de Petrópolis e o estado de conservação de seus bens integrados, em especial do túmulo de Marechal Hermes.

Para isto será preciso:

- Refletir sobre o lugar ocupado pelo patrimônio funerário de acordo com políticas e ações de preservação do patrimônio cultural no Brasil;
- Investigar sobre as ações de preservação no cemitério, sobretudo nos túmulos, destacando a sua importância e reconhecimento, face à cidade;
- Realizar o estudo de caso de um túmulo específico, fazendo uma análise minuciosa sobre sua história, sua relação como lugar, funções e seu estado de conservação;
- Averiguar e propor medidas preventivas para o cemitério e seus bens integrados.

Assim, em acordo com os objetivos, a metodologia do trabalho se constitui de pesquisa exploratória e também de um estudo de caso.

O estudo bibliográfico, iconográfico e histórico a respeito do Cemitério de Petrópolis e de seus bens integrados envolve a compilação e avaliação de informações para contextualizar e sensibilizar a importância da conservação do mesmo.

Esta pesquisa também envolve o estudo de decretos, leis, diretrizes e a ação do IPHAN com relação ao patrimônio funerário brasileiro. Servirão também, como fonte de pesquisa os artigos científicos, teses e dissertações encontradas nos sites: www.estudoscemiteriais.com.br e www.artefunerariabrasil.com.br.

O seguinte trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro capítulo reflete sobre a preservação dos bens culturais e discute a introdução dos cemitérios nas políticas de preservação do patrimônio cultural, como um dos novos objetos destas políticas.

O segundo capítulo discorre a respeito do Cemitério de Petrópolis, sua história e seu momento atual. Aborda o conceito da arte tumular, suas alegorias e materiais. O capítulo

segue com um levantamento das principais ações do município de Petrópolis com relação ao seu patrimônio cemiterial.

Já no terceiro e último capítulo é apresentado o estudo de caso do túmulo de Marechal Hermes da Fonseca. Sua contextualização histórica, estado de conservação e sugestão de medidas de prevenção a serem tomadas pelo cemitério.

1-A PRESERVAÇÃO DOS BENS CULTURAIS

No século passado foi notado o início de um movimento político mundial de proteção ao patrimônio cultural, de forma que é correto dizer que hoje um dos papéis do Estado é a preservação da identidade popular e, também um compromisso da sociedade. Pode-se dizer que o ponto alto nas políticas internacionais de preservação do patrimônio histórico foi a fundação da UNESCO, instituição internacional que promove o reconhecimento, salvaguarda e a conservação do acervo cultural e natural de todo o planeta, por decreto conferido a partir de um acordo acertado em 1972 e ratificado até agora por 164 países, o qual o Brasil faz parte (CASTRO, 2008).

O patrimônio cultural é definido como sendo o conjunto de expressões materiais e espirituais de uma nação, região ou comunidade, incluindo seu ambiente natural, sendo constituído pelos bens materiais e/ou imateriais que contam a história dos diversos grupos e da correlação com seu meio ambiente, sendo a herança dos conhecimentos obtidos por gerações passadas (COSTA, 2016). Segundo Renata de Souza Nogueira:

O patrimônio é construído através de uma seleção do que se deseja preservar para as próximas gerações, ou seja, é uma construção social – ou cultural – por caracterizar a idealização de um grupo. A escolha de algo como patrimônio cultural depende que, para um determinado grupo e em um determinado recorte temporal, seja considerado socialmente digno de ser preservado a gerações futuras. O patrimônio, neste sentido, se constitui como processo simbólico de legitimação cultural e social que confere a determinado grupo um sentimento de identidade. (NOGUEIRA, 2013, p.65).

A partir do período republicano (1889 – 1930), o Brasil passa por um momento de valorização do patrimônio cultural devido à sua busca por uma identidade nacional. Esse comportamento deu início a um favorecimento da expansão dos conceitos preservacionistas relacionados aos referenciais do passado. A estruturação de uma política brasileira de preservação ocorreu a partir das ideias nacionalistas dos anos 1930, quando o conceito de patrimônio difundido por Mario de Andrade era abrangente, e compreendia diversos tipos de manifestações culturais¹ (NOGUEIRA, 2013).

¹ Em 1935, Mario de Andrade elaborou um anteprojeto de idealização de um serviço técnico especial em monumentos nacionais onde estabelece que: “Entende-se por Patrimônio Artístico Nacional todas as obras de arte pura ou aplicada, popular ou erudita, nacional ou estrangeira pertencentes aos poderes públicos (...)” (ANDRADE, 1987 apud NOGUEIRA, 2013).

Os elementos que integram o patrimônio cultural só foram oficialmente definidos no artigo 216 da Constituição Federal Brasileira de 1988. O artigo cita os bens de natureza material e imaterial, de maneira individual ou conjunta, que são produtos relativos à identidade e à memória da nação e dos diferentes grupos que constituem a sociedade brasileira. Na legislação estão incluídas as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, os objetos, os documentos, as edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; e os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988).

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o patrimônio material é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza, podendo ser arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; de belas-artes; e das artes aplicadas. Segundo Carsalade:

Na verdade, qualquer bem produzido pela cultura é, tecnicamente, um bem cultural, mas o termo, pela prática, acabou se aplicando mais àqueles bens culturais escolhidos para preservação – já que não se pode e nem se deve preservar todos os bens culturais –, fazendo com que, no jargão patrimonial – e por força de convenções internacionais –, a locução bem cultural queira se referir ao bem cultural protegido (CARSALADE, 2016).

Os bens materiais podem ser subdivididos em três grupos: imóveis, móveis e integrados. Essa classificação ocorre de acordo com a sua natureza e mobilidade:

- Os bens imóveis são aqueles relativos a edifícios, sítios e conjuntos urbanos.
- Os bens móveis são equivalentes a todos os objetos e artefatos que podem ser transportados sem que ocorra sua descaracterização, e nem a descaracterização do local em que estava originalmente.
- Os bens integrados consistem nos objetos que fixados na arquitetura integram o monumento, sem que possa ser retirado sem dano ao imóvel ou criando lacuna. Baseia-se na relação existente entre os bens imóveis e móveis.

Conforme as Convenções Internacionais entende-se por bem cultural, o bem que deve ser preservado devido ao seu valor e sua representatividade para determinada sociedade. Conforme Flávio Carsalade:

Qualquer bem cultural pode ser elevado a uma determinada categoria de proteção legal, de acordo com uma determinada atribuição de valor, que passa então a compor a listagem dos bens culturais protegidos, tanto em escala nacional, quanto, em alguns casos, em escala mundial, dependendo de sua excepcionalidade, em categorias diversas (CARSALADE, 2016).

A noção de patrimônio cultural foi ampliada quando se passou a reconhecer os bens de natureza imaterial também como herança da cultura de um povo. Esse reconhecimento foi legitimado nos artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988. Essa esfera dos bens patrimoniais abrange as práticas e os conhecimentos da vida comunitária de determinada sociedade, que passam a ser representados, por exemplo, pelos os ofícios e suas técnicas, as festas e comemorações, as expressões populares ligadas às artes cênicas, plásticas e musicais, os jogos e as brincadeiras, as danças de roda e, entre os locais que abrigam manifestações culturais coletivas, os mercados, as feiras públicas e os santuários.

Quanto à responsabilidade da preservação do patrimônio cultural, cabe ao Estado, em parceria com a população o trabalho de proteção a esses bens culturais representativos dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Já o legado do patrimônio imaterial passa por cada geração dentro de comunidades ou grupos, que reproduzem ou recriam seus costumes, de acordo com seu meio, sua interação com a natureza e sua história, podendo propiciar a manifestação do sentimento de identidade, fundamental à formação do cidadão e benéfico ao incentivo do respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (COSTA, 2016).

A admiração das civilizações antigas por obras de arte e construções concebidas no passado originou a concepção que temos hoje do patrimônio cultural. Este entendimento passou por uma complexa evolução que começou com a qualificação das Antiguidades e Monumentos como patrimônio a partir do estabelecimento da história como ciência (NOGUEIRA, 2016). Tempos mais tarde, surgiria a visão de patrimônio histórico e, mais recentemente, surgiria a noção mais abrangente de patrimônio cultural como citado anteriormente. E graças a essa ampla visão mais recente sobre o patrimônio é que podemos enxergar, hoje, os cemitérios não só como o local do descanso eterno, mas também como legado histórico, artístico e cultural para a sociedade.

1.1 - Cemitérios como patrimônios a serem preservados

As necrópoles podem ser vistas, primordialmente, como um dos mecanismos que o homem encontrou para a preservação da memória individual e coletiva dos cidadãos de uma localidade. Todos os túmulos erguidos são propriamente meios de se perpetuar essa memória.

No Dia de Finados, no aniversário de nascimento ou morte do fiado, a visita habitual ao cemitério demonstra uma grande manifestação pública de saudade, e celebra a memória dos que já se foram. A ideia de celebração vem não somente da solenidade da cerimônia de referência e honra de um nome, mas de um ritual eficiente de lembrança à memória dos mortos e ao destino dos vivos. A rememoração do morto é uma forma de reconhecimento necessária ao ser humano (NOGUEIRA, 2013).

Os cemitérios, de certa maneira, são meios de materialização de uma memória. Para Renata de Souza Nogueira:

Apesar da memória ser processada internamente, esta necessita de um espaço físico para ser ativada e estimulada, pois a mesma não se projeta no vazio. Nesse sentido, lugares construídos concretamente, onde se realizam passagens históricas, eventos e práticas do dia-a-dia, representações visuais, como fotos e construções, ou não visuais, como orações e festejos, podem tornar-se possíveis referenciais de espaço para a projeção da memória (NOGUEIRA, 2013, p. 32).

Fotografias, painéis, esculturas, documentos epigráficos, objetos de ornamento e materiais usados na construção dos monumentos, são representações da memória que dizem muito a respeito da sociedade que as produziu. “Grupos sociais, árvores genealógicas, ciclos econômicos, materiais disponíveis, classes religiosas, entre outras características são percebidas, lembradas e entendidas através das construções, que, por isso, se constituem em materiais da memória” (NOGUEIRA, 2013).

Entretanto, o patrimônio cemiterial não é somente aquele formado por materiais concretos, mas sim, o que todo este conjunto pode simbolizar, isto é, o que se pode rememorar do passado por meio dessa materialidade. São representações da memória que podem nos servir de embasamento para o futuro, favorecendo a herança de culturas entre gerações, além de oferecer material para a concepção de identidades culturais.

Expressões socioculturais variadas podem ocorrer dentro de um cemitério, sendo assim um lugar com um significado que vai além do local de enterramento e de homenagem aos mortos. É um local que causa a reflexão sobre o significado da vida e da morte e também guarda valores, tradições e interpretações sobre diferentes aspectos da sociedade. Segundo

Nogueira, os cemitérios “são espaços construídos socialmente, que podem ser percebidos como lugares de práticas sociais, permitindo a tradução de leituras sociais” (NOGUEIRA, 2013, p. 31).

Desta forma, os cemitérios carregam valores que estão diretamente ligados tanto aos bens materiais como também aos bens imateriais e acabam por reunir qualidades próprias a três instituições tradicionais de preservação do patrimônio cultural. São elas: os arquivos, quando o monumento-documento é produzido com o objetivo de resguardar, as bibliotecas, quando tais objetos intentam fins culturais premeditados, e os museus, na função de colecionamento. Ademais, os cemitérios são inteiramente capazes de atrair públicos com os mesmos perfis destas instituições, estando qualificado a atender pesquisadores acadêmicos, estudiosos, além do cidadão comum motivado por algum interesse ou pela simples curiosidade (NOGUEIRA, 2013). Os túmulos podem ser considerados como fontes de diferentes tipos de informações de acordo com o olhar que se lança sobre eles.

Para Harry Bellomo (2008), os cemitérios podem ser analisados sob diversos aspectos. Através da análise de inscrições, fotos e de datas é possível conservar a memória familiar e coletiva. O estudo dos símbolos, estátuas e pinturas possibilita conhecer a religiosidade da localidade; os ornamentos indicam as preferências e expressões artísticas da época na região; fotos e sobrenomes podem servir como referências para a pesquisas genealógicas e étnicas.

Sendo assim, os espaços cemiteriais se configuram como fontes de informação para as pesquisas relacionadas à arte, cultura e história da sociedade.

Em 2004 foi criada a Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, que é uma entidade sem fins lucrativos, com sede em Curitiba, que reúne pesquisadores cujo tema de estudos compreende diferentes manifestações acerca da morte no Brasil. “A ABEC conta hoje com associados de todas as regiões do país, entre historiadores, geógrafos, antropólogos, arquitetos, sociólogos, historiadores da arte, profissionais do turismo, arqueólogos, fotógrafos, entre outros”².

O acervo cemiterial também pode e deve ser visto no que se refere às informações patrimoniais.

Túmulos, jazigos e mausoléus são inicialmente percebidos através da sua estética e harmonia no conjunto, quando se coincidem os referenciais de objetos e observador. Tal coleção também pode ser percebida através da legitimidade e da história, quando por motivo de busca e descoberta, descobrem-se indícios de memórias para construções historiográficas ou bibliográficas (NOGUEIRA, 2013, p.34).

² Informações retiradas do site da ABEC: <http://estudoscemiteriais.com.br>, acesso em 03/11/2017.

No que diz respeito à proteção desse acervo existe certo impasse por se tratar de um objeto complexo. É preciso levar em consideração que, fora sua perspectiva artística e histórica, os cemitérios são também espaços funcionais dentro de um município, e muitos túmulos que poderiam ser candidatas ao tombamento ainda estão sendo de fato utilizadas. Também há o problema que pelo fato dos túmulos serem edificações erguidas para homenagear indivíduos ou famílias, há constantemente o conflito a respeito de seu status como legados públicos, a julgar pela questão arquitetônica, historiográfica e paisagística para a coletividade, ou como heranças individuais, cuja gestão é compromisso único dos familiares ali sepultados (BORGES; CARNEIRO, 2016).

Essa ambiguidade resulta na falta de clareza quanto à atribuição da responsabilidade pela conservação e restauro das construções, o que é um fator decisivo para que seja ainda incipiente o processo de incorporação dos cemitérios brasileiros como patrimônio material. Esta imprecisão dos espaços de sepultamentos, que fundem local de inumação familiar e de expressão social e conjuntural, estrutura prática e patrimonial, evidencia uma trama complexa (BORGES; CARNEIRO, 2016, p. 156).

Apesar disto, uma consulta ao IPHAN mostra que apesar de poucos, já existem desde a década de 1930 tombamentos específicos de cemitérios ou de partes de conjuntos funerários como, por exemplo, túmulos, estátuas funerárias e portões de entrada. Além do instrumento de proteção federal, alguns estados já incluem os espaços cemiteriais no rol dos bens patrimoniais protegidos, como os Cemitérios da Consolação, dos Protestantes e da Ordem Terceira do Carmo em São Paulo (CASTRO, 2010).

Ações internacionais servem de exemplo a respeito da valorização do patrimônio funerário com a criação de anteprojetos, associações, guias e cemitérios transformados em locais turísticos. Outros projetos também têm ajudado para a inclusão e a consolidação dos cemitérios como bens a serem preservados. Em Portugal, ações eficazes têm contribuído para a preservação dos monumentos funerários, onde estão sendo feitos levantamentos inventariais que são posteriormente publicados com o propósito de divulgação, além disso também ocorre a prática de visitas guiadas aos cemitérios.

Elisiana Castro, em seu artigo “Cemitérios em destaque: iniciativas nacionais e internacionais pela preservação do patrimônio funerário” (2010) cita, como exemplo, algumas ações argentinas:

Buenos Aires, além da presença do Cemitério da Recoleta, local preservado e bastante visitado na capital portenha, destaca-se também por importantes iniciativas como o “Órgão Oficial da Rede Argentina de Valorização e Gestão Patrimonial dos Cemitérios”, que possui um site que oferece consultoria em gestão de cemitérios, diferentes publicações e documentos, como a “Carta Internacional de Morelia e a “Ata de Compromisso e Anteprojeto de Lei para valorização, a proteção e a difusão do patrimônio funerário da cidade de Buenos Aires” (CASTRO, 2010b, p. 5).



Fig. 1 – Cemitério da Recoleta

Fonte: <https://commons.wikimedia.org>, acesso em 27/09/2017.

A análise sobre o tema da patrimonialização mostra que algumas iniciativas nesta esfera, tais como estes documentos, visam uma mudança acerca do reconhecimento deste tipo de acervo. Nota-se também, que boa parte dos projetos de preservação do patrimônio funerário concilia suas propostas, com a possibilidade de incluir os cemitérios em rotas culturais para aproveitamento turístico, o que pode trazer inúmeras vantagens (CASTRO, 2010b).

Podemos concluir que os aspectos artísticos, culturais, sociais, históricos e arqueológicos proporcionam aos cemitérios a oportunidade de se configurar como patrimônio. A recuperação da importância social do cemitério como espaço de convívio e contemplação, o incentivo à educação patrimonial e às pesquisas em diversas áreas são maneiras de dar novas significações a esses espaços para além daquela inerente à sua existência, assim transformando-os em elementos da cultura importantes para a sociedade.

Sendo assim, a preservação dos bens materiais que compõem os espaços cemiteriais, é fator necessário para a perpetuação desse patrimônio que muitas vezes não é objeto de atenção das políticas públicas.

2. O CEMITÉRIO MUNICIPAL DE PETRÓPOLIS

Por volta das primeiras décadas do século XIX, começou a ocorrer um maior desenvolvimento e propagação do saber médico e, objetivando a prevenção de doenças, procurou-se incentivar uma política de higienização dos espaços urbanos, o que acabou por condenar os sepultamentos eclesiásticos, dentre outros costumes, tidos como prejudiciais à salubridade pública. Os médicos aconselhavam a extinção das práticas de enterramento até então vigentes, uma vez que os odores dos cadáveres sepultados nas igrejas poluíam o ar e eram tidos como os causadores das doenças e epidemias (ROGRIGUES, 1997). Até que uma dessas epidemias teria papel decisivo no destino dos novos sepultamentos. Rodrigues afirma que:

Após décadas de debates, os médicos conseguiram que as autoridades governamentais legislassem a respeito da criação dos cemitérios públicos, para onde seriam levados todos os cadáveres. Até o estabelecimento daqueles cemitérios, longo tempo passaria e as decisões foram quase sempre proteladas. Até que o advento da febre amarela em 1849/1850, com seus drásticos efeitos, empurraria definitivamente os mortos para fora das igrejas e da cidade (ROGRIGUES, 1997, p. 22).

Em Petrópolis, o primeiro cemitério já se encontra na planta elaborada pelo major Júlio Frederico Koeler em 1846. Ficava situado no lugar onde hoje está a Igreja do Sagrado Coração de Jesus e a parte antiga do Convento dos Padres Franciscanos. Vem daí o fato do trecho que vai desde a esquina da Avenida Primeiro de Março (hoje Avenida Roberto Silveira) com a Rua Sete de Abril até a Avenida Piabanga (lado da Mosela), ter sido chamado, durante muitos anos, de Rua do Cemitério. Então, em 1854, o diretor efetivo da colônia de Petrópolis, tenente-coronel Alexandre Manuel Albino de Carvalho, a fim de expandir aquela parte da cidade, resolveu dar o nome de “Rua do Monte Caseros” a este trecho, “a fim de apresentar, Petrópolis, uma prova perdurable do mais brilhante feito das Áreas Imperiais³”, naquela época.

O cemitério primitivo, poucos anos após a fundação da colônia já era pequeno para o grande número de enterramentos nele efetuados, o que levou o escritor alemão Von Tachuli, na sua obra “Reisen durch Sudawerika” comentar este fato a fim de defender a reputação saudável de Petrópolis. Este autor alegava que “as colônias começadas irregularmente (como esta) geralmente a mortalidade recrudescia nos primeiros tempos, especialmente quando os

³ BRETZ, Walter João, *Os cemitérios de Petrópolis*, Tribuna de Petrópolis, 12 de agosto de 1920 (Transcrição do Arquivo Histórico de Petrópolis).

colonos passaram privações durante a viagem, como acontecera nos primitivos povoadores de Petrópolis⁴.

Além disso, acrescentava o mencionado escritor, que a epidemia de cólera, em 1855, e o hábito dos médicos da Corte de aconselhar aos habitantes moribundos da capital que fossem para a serra com a esperança de que se recuperassem, contribuíam para aumentar o obituário, o que desfavorecia a salubridade da localidade. Este intenso surto de cólera morbo tomou conta da cidade do Rio de Janeiro, e após dois meses a situação fica calamitosa, devastando a população, superlotando isolamentos e cemitérios.

Depois de se espalhar por toda a Europa e pelo Mediterrâneo, Canadá, Estados Unidos e as ilhas das Caraíbas em 1853, essa epidemia de cólera chegou ao Brasil, onde, até dezembro de 1855, vitimaram, só no Rio de Janeiro, 3.540 pessoas (*O Comércio*, 20 dez. 1855).

A administração colonial já havia se preocupando, durante muitos anos, com a construção do novo Campo Santo, sendo em 1855, autorizada e realizada a compra dos prazos de terras para esse fim. Cogitava-se preparar os terrenos do “Cemitério Provincial”, como era chamada aquela necrópole, quando houve a epidemia de cólera, já referida, que se iniciou em 3 de outubro de 1855, durando até 15 de dezembro do mesmo ano, dia em que foi considerada oficialmente extinta. Na cidade de Petrópolis, cerca de 360 pessoas foram acometidas do mal, falecendo mais de 50⁵. Este súbito aumento do obituário da cidade precipitou a utilização dos terrenos recém-adquiridos na Rua Fabrício de Matos. Devido ao grande número de sepultamentos que precisaram ser realizados, sendo uma parte mais afastada do terreno foi logo preparada para este fim. Cercou-se ligeiramente o cemitério; sendo, depois, em 1857, feitas cancelas e cercas definitivas, numa extensão de 230 metros.

Com a mudança do campo-santo, tivemos a segunda Rua do Cemitério. A planta do Otto Reimarus (figura 2) registra essa extensão que ia da Praça Nassau (atual Praça Osvaldo Cruz) até a nova necrópole (hoje Rua Fabrício de Matos).

⁴ Ibidem.

⁵ Ibidem.



Fig. 2 - Planta da Imperial Colônia de Petrópolis em 1854

Fonte: Arquivo Digital da Biblioteca Nacional, acesso: 26/09/2017.

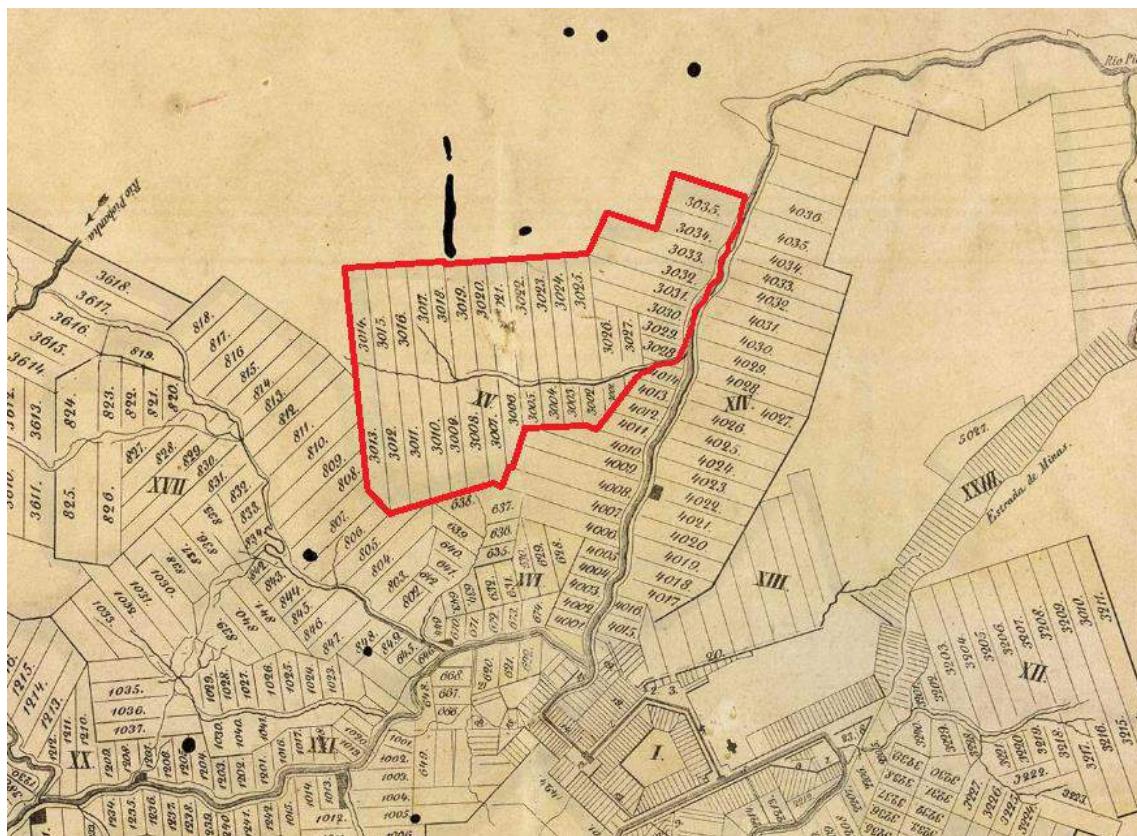


Fig. 3 - Pormenor Cemitério de Petrópolis 1854

Fonte: Arquivo Digital da Biblioteca Nacional, acesso: 26/09/2017.

Comentando, em 1862, a localização do novo cemitério, que é o velho atual, lê-se numa interessante obra sobre Petrópolis:

“A vantagem do novo campo mortuário é que nunca há de faltar lugar, seja qual for a concorrência; enquanto a desvantagem, consiste ela em que o caminho a percorrer é longínquo e sumamente penoso, obtendo-se em compensação que o triste espetáculo da morada dos mortos seja removido das vistas dos que ainda se acham empenhados na luta pela existência⁶⁵”.

Porém, o autor dessa observação enganou-se, infelizmente, quanto às suas previsões ao achar que nunca “haveria de faltar lugar ali” para os futuros sepultamentos. O novo cemitério com o passar do tempo foi sendo ampliado com a criação de dois outros cemitérios ao longo da mesma Rua Fabrício de Matos (um adjacente e outro do lado esquerdo da rua, construído a partir da década de 20). Sendo assim, esta primeira parte passou a ser conhecida como “Cemitério Velho”. As terras que foram acrescidas ao cemitério foram doadas pela Sra. Vanzeller em 1861, quando esta enterrou seu esposo.



Fig. 4 – Vista aérea do Cemitério

Fonte: Reprodução a partir da ferramenta Google Earth, acesso em 27/09/2017.

⁶⁵ Ibidem.



Fig. 5 – Cemitério de Petrópolis

Fonte: <http://e-tribuna.com.br>, acesso em 02/11/2017.

Hoje, observa-se que já não existem mais as camélias mencionadas por Walter João Bratz (1920), que, antigamente, eram o principal elemento de ornamentação do Cemitério Municipal, cuja denominação oficial era “Cemitério de São Pedro de Alcântara⁷”.

Atualmente, Petrópolis conta com um pequeno roteiro de turismo fúnebre que abrange o Mausoléu Imperial, localizado na Catedral São Pedro de Alcântara, e segue pelo Cemitério Municipal.

Na reportagem realizada pelo G1 intitulada “Em Petrópolis, RJ, túmulos de personalidades são atrativo turístico” (ver Anexo 1), é apresentado com grande entusiasmo o Cemitério de Petrópolis e seu aspecto turístico. No texto há informações de que a Fundação de Cultura e Turismo de Petrópolis, em 2013, incluiu o Cemitério Municipal no “Círculo a Pé”, projeto que realiza a sinalização dos pontos turísticos para que o turista, se auto guiando, possa conhecê-los através de uma caminhada pela cidade. Porém, hoje, observa-se que só existe uma única placa explicativa no portão do cemitério e que seria mais interessante para o visitante que a localização exata dos túmulos e suas informações históricas pudessem ser acessadas de maneira mais fácil, já que muitas vezes o turista chega ao cemitério e não sabe por onde começar a visita.

⁷ BRETZ, Walter João, *Os cemitérios de Petrópolis*, Tribuna de Petrópolis, 12 de agosto de 1920 (Transcrição do Arquivo Histórico de Petrópolis).



Fig. 6 – Placa explicativa Cemitério de Petrópolis

Fonte: Alves, 2017.

Segundo o levantamento feito pela Secretaria de Administração e Recursos Humanos e a Fundação de Cultura e Turismo da cidade, foram verificados que 37 personalidades históricas e artísticas foram sepultadas em Petrópolis, sendo 28 no Cemitério Municipal⁸.

Um dos poucos túmulos que ainda recebe homenagem de turistas e fãs é o do apresentador de rádio e televisão e compositor Flávio Cavalcante, sepultado em 26 de maio de 1986 na quadra I do cemitério. O oitavo presidente do Brasil, Marechal Hermes da Fonseca, também foi sepultado no Cemitério Municipal. Enterrada no mesmo túmulo está a esposa do marechal que foi a primeira caricaturista mulher do mundo, Nair de Teffé. O escritor austríaco Stefan Zweig, que se suicidou em Petrópolis com a esposa, é um dos grandes nomes da história que foi sepultado lá. As homenagens são prestadas até hoje por meio de pedras que frequentemente são colocadas sobre o túmulo, em sinal de respeito. Há poucos metros do túmulo de Stefan Zweig está a sepultura do responsável pela elaboração de Petrópolis, o arquiteto Júlio Frederico Koeler. O principal incentivador da rádio no Brasil, Edgar Roquette Pinto foi sepultado na quadra 8 do Cemitério Municipal. Dirigiu a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, primeira do país (1922), que hoje é a rádio MEC.

⁸ MARIA, Vania, *Turismo no cemitério*, Tribuna de Petrópolis, 2 de novembro de 2003.

Também estão na unidade a sepultura do maestro César Guerra Peixe; Frei Leão; o almirante Barão de Teffé; o autor do Hino de Petrópolis, Geraldo Ventura Dias; o poeta petropolitano, Raul de Leoni; o escritor e diplomata português, Matheus Albuquerque; o pintor holandês Willem Van Dijk; o abolicionista João Clapp; o poeta de jornalista João Roberto D'Escrangnolle; o primeiro presidente constitucional do Estado, José Thomaz Porciúncula; mestre do jiu-jitsu, Hélio Gracie, entre outros.

Nota-se que o turismo cemiterial na cidade é mais impulsionado pelas personalidades ali sepultadas do que pelas obras artísticas lá encontradas. A população ainda tem certa dificuldade de apreciar a arte fúnebre a partir de seu valor estético, não conseguindo desassociá-las à ideia de morte.

A aproximação da sociedade com o espaço cemiterial em suas perspectivas variadas pode ser favorecida pela educação patrimonial, que destaca as possibilidades do conjunto tumular, do ambiente e do paisagismo cemiteriais, enquanto documentos detentores de informação a respeito dos mais diversos aspectos históricos e culturais de uma comunidade ou localidade (COSTA, 2016). E para que essa aproximação e valorização desse tipo patrimônio ocorram, é imprescindível sua preservação.

2.1 - Arte tumular

As obras artísticas, escultóricas ou pictóricas, que integram os conjuntos arquitetônicos tumulares são erguidas pelos familiares como uma forma eternizar a memória do ente querido ou são ainda, mandadas edificar por determinado grupo, como forma de reconhecimento de uma personalidade importante diante da sociedade.

A ornamentação de túmulos foi uma preocupação constante das sociedades humanas ao longo dos anos. No Egito, os túmulos são os marcos mais representativos da arte daquele local, com sua arquitetura e pintura que reverenciavam aos mortos.

No entanto, a chamada arte tumular ou cemiterial clássica que conhecemos hoje em dia teve sua conceituação reorientada e mais fortemente estabelecida ao longo do século XIX e início do XX. Segundo Mundim (2011), “o culto ao individualismo e ao embelezamento, características comuns da Belle Époque e vigentes na época foram expressos também na construção e no adorno dos cemitérios e túmulos” (p.2). As novas características provenientes da arquitetura urbana influenciaram o estilo da arte encontrada nos cemitérios, carregando suas particularidades imponentes e suntuosas (MUNDIM, 2011).

Quanto à temática e representação, observa-se que a maioria das obras apresenta uma natureza realista e romântica. Alguns símbolos são mais frequentes como anjos, mulheres, Cristo, cruzes, colunas e piras. A simbologia e alegorias tumulares serão abordadas com mais detalhes no próximo capítulo. Para Mundim:

Mais que um estilo, percebe-se que as produções advindas desse tipo de arte se consolidam em torno de uma temática, a relação do homem com a morte. Nesse sentido, o que se nota é o desenvolvimento do tema, expresso na representação de símbolos, na utilização de materiais nobres, na encomenda de obras a artistas renomados e na utilização de imagens religiosas. De um modo geral, podemos dizer que as características estilísticas presentes nos cemitérios brasileiros foram influenciadas diretamente pelo estilo e gosto europeu (MUNDIM, 2011, p. 3).

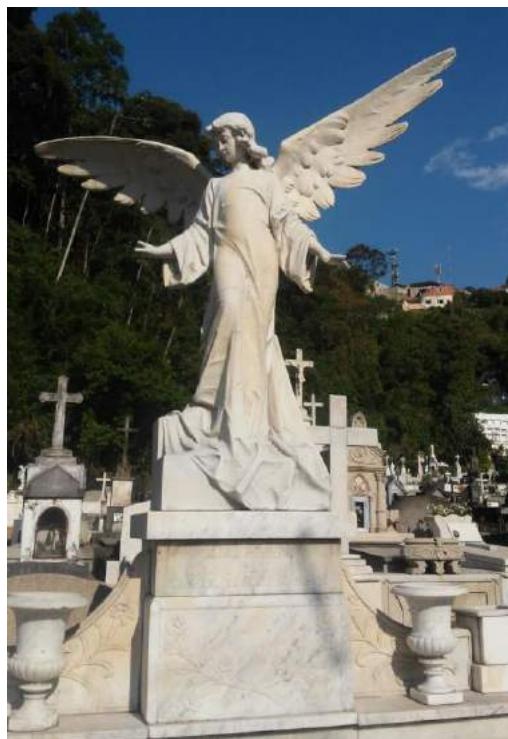


Fig. 7 – Exemplo de arte tumular no Cemitério de Petrópolis

Fonte: Alves, 2017.

A representação da dor é frequentemente encontrada na escultura funerária, simbolizando o sentimento daqueles que ficaram. Figuras reclinadas sobre o túmulo transmitem a ideia de lamentação ou reflexão diante da inevitável separação, e acabam por retratar uma imagem de interação eterna com o morto que jaz ali enterrado. É possível observar, no entanto, que o falecido nunca é representado já sem vida na maioria dos monumentos. A reprodução da concretização da morte é afastada, possivelmente pela crença de que haja em algum momento o reencontro.

Com a reinvenção dos modelos de arte funerária, o retrato tornou-se cada vez mais frequente. Segundo Sara Jane dos Santos (2014) o cemitério passa a ser um grande arquivo da

humanidade quando “surgem também os monumentos homenageando soldados e heróis, as altas aspirações, o hiper-realismo impactante gerado pelo espírito de revanche que toma conta dos franceses após a invasão da Prússia”. Tais características rapidamente se espalharam por toda a Europa e não demoraram muito a chegar às colônias portuguesas e espanholas (SANTOS, 2014).

No Brasil, existem alguns cemitérios que podem ser intitulados como “museus a céu aberto”, pela existência de um grande número de obras funerárias advindas de manifestações artísticas da cultura erudita europeia e por serem trabalhos realizados por grandes escultores com relevância significativa para a história da arte.

Porém, a arte fúnebre é certamente mais do que puros objetos estéticos e de ornamentação usados como forma de homenagem e ostentação pelas famílias mais abastadas.

A arte tumular compreende o imaginário coletivo de uma determinada sociedade que por meio dos signos e da circunstância da morte retrata sua visão de mundo e sua cultura. É produto da expressão da sociedade correspondendo a um memorial social que pode ser analisado sob diferentes aspectos (SOUZA, 2012).

Para Elizia Borges:

Sabe-se o quanto a arte funerária se mantém vinculada com as representações do luto, alicerçadas no discurso religioso, moral e econômico do grupo social a que serve. Logo, ela deve ser analisada a partir de critérios próprios exigindo uma leitura complexa de caráter interdisciplinar conforme aponta os estudos apresentados nas associações voltadas aos estudos Cemiteriais (BORGES, 2011, p. 10).

A arte tumular pode apresentar diferentes dimensões e modos de relacionar-se com a sociedade. A relação coletiva é expressa nos túmulos de personalidades que em vida marcaram sua trajetória social em determinada localidade. Mas há também a relação particular íntima dos familiares e amigos, que muitas vezes é representada em túmulos simples sem qualquer tipo de adorno.

Para que um cemitério seja mais valorizado culturalmente e tenha sua significação vista de forma mais abrangente, a sociedade que o produziu precisa passar a observar e a utilizar esse espaço de forma diferente daquela usual. Esse entendimento mais abrangente pode contemplar todo o cemitério, inclusive sepulturas que não são ornamentadas e nem são grandes exemplares de arte tumular, mas que possuem outros tipos de valor como o social e sentimental.

2.1.1- Alegorias

A alegoria presente no cemitério, necessariamente está ligada à morte ou aos sentimentos relacionados a ela. Elas não tem a função de apenas decorar os túmulos mas podem carregar uma série de significados que podem compreender a lembrança constante da finitude da vida, formas de homenagens e o próprio conforto da família e a esperança de redenção. O homem tem necessidade de expressar toda a dramaticidade que envolve o tema da morte, e a arte funerária é instrumento dessa manifestação.

No processo de separação de uma pessoa, as famílias procuram valer-se de tradições e modelos já estabelecidos. Sepultar um ente querido e utilizar de símbolos são meios de ser eternizar a memória e imagem de um indivíduo para além de seu tempo de vida na Terra. “O lidar com a finitude demanda do ser humano a articulação de sistemas de crenças e símbolos” (BORGES, 2016). A necessidade da representação dessas crenças e símbolos resulta na elaboração de alegorias que acabam por compor a ornamentação dos túmulos.

Para Carvalho (2008), “a ideia é que a alegoria faça remissão à morte, sendo por meio de seu contrário ou de sua simbologia direta” (p.415).

As representações alegóricas objetivam transmitir informações transcendentes ao significado literal presente nos objetos representados. Desse modo, por meio da linguagem figurativa, a alegoria, historicamente empregada em narrativas mitológicas, se utiliza de símbolos, visando constituir uma possibilidade de aprofundamento de reflexões relativas à vida humana e às forças naturais. Para os gregos, representava uma atraente possibilidade interpretativa. Por meio das alegorias se podia buscar a constituição de novos ideais e paradigmas. A alegoria teológica, também utilizada em espaços cemiteriais, objetiva revelar verdades ocultas presentes nos textos religiosos, por meio de imagens escultóricas ou pictóricas (COSTA, 2016, p. 12).

Segundo Valladares (1972) a tipologia funerária pode ser dividida em três grupos: *cristã, alegórica e celebrativa*.

Religiosa:

Dentro deste esquema, a religiosidade se revela, possivelmente, o aspecto mais fundamental e recorrente.

A grande presença de representações do sagrado aponta para um caráter fundamental do espaço funerário, que é seu uso como lugar de culto, o que pode inclusive ser expresso em formas mais simples de ornamentação cristã, como cruzes, pinturas, relevos e dizeres bíblicos. Em contrapartida, o caráter religioso do cemitério também proporciona a elaboração de uma

estatuária monumental que objetiva criar marcos de grandiosidade e individualidade para os túmulos dotados de maior investimento estilístico (BORGES, 2016).

Alegorias religiosas ou cristãs são caracterizadas por representarem as passagens da narrativa bíblica evocando a fé e os demais ensinamentos do Evangelho. Possuem relação direta com o martírio, a expiação dos pecados humanos e a redenção. A morte é encarada como caminho necessário para a vida eterna. Nesse contexto, naturalmente, Cristo aparece com destaque, em representações normalmente ligadas a Ressurreição ou remetendo à sua morte.

As representações com temática cristã, em geral, seguem os padrões da arte neoclássica, inclusive para as estátuas de Cristo e dos santos. As figuras de Cristo, segundo os princípios neoclássicos, “devem expressar espiritualidade, grandeza, personalidade bem característica, santidade, profundidade de sentimentos, dor sofrimento sereno” (VALLADARES, 1972).



Fig. 8 – Alegoria cristã no Cemitério de Petrópolis
Fonte: Alves, 2017

A cruz é outro ícone presente nos cemitérios sendo símbolo da morte cristã desde a antiguidade. A cruz pode ser vista como signo da celebração da morte e da esperança. Os santos e a Virgem Maria, também são muito comuns nas necrópoles e representam as

devoções do cristianismo católico que caracterizam uma relação entre o devoto e o santo protetor, assim essas imagens sacras são meios de retribuir as graças alcançadas.

Os anjos também são representativos da relação do homem com o divino, sendo intermediários entre o céu e a terra. E segundo Carvalho (2008), “podem portar índices iconográficos que determinam sua identidade e papel na narrativa cristã e posteriori, tumular”.

Maria Elizia Borges (2016), ainda enumera outros temas comuns que estão diretamente relacionados à religiosidade:

Citamos como exemplos os mais recorrentes: os símbolos da paixão – a cruz sobre o cálice que simboliza a agonia e a lanterna romana, sinônimo de traição; símbolos da eucaristia – compostos pelo cálice com hóstia, uvas e trigo; objetos materiais – como a coroa de flores que remete à sabedoria do senhor e a lâmpada que contempla a sabedoria e a piedade; vários modelos de cruzes – símbolo mais comumente associado ao cristianismo ; assim como as imagens de Jesus Cristo, da Virgem Maria, de santos e de santas (BORGES, 2016, p. 153).

Cada uma dessas imagens é um instrumento para a reflexão da finitude da vida humana. E, para aqueles que têm fé pode servir, simultaneamente, como um alento na busca da superação da morte e na possibilidade de uma nova vida. Preservar este patrimônio cultural é uma das maneiras de sensibilizar a sociedade atual sobre a importância da consciência histórica da vida cristã (BORGES, 2016).

Alegórica:

Segundo Valladares (1972), a segunda tipologia encontrada nos cemitérios é a alegórica com interpretações menos óbvias do que as representações religiosas. Essas obras de arte costumam ser representadas dentro dos padrões do classicismo.

O classicismo possui a intenção de glorificar uma pessoa cuja perfeição não é somente ética. O culto do herói é um dos centros da teoria neoclássica, do mesmo jeito que o culto das virtudes. A partir de certo momento a arte passa a representar os dois cultos por intermédio da adoração de um indivíduo.

Mais recentemente, as antigas escolhas direcionadas à representação visual se manifestam nas representações alegóricas de caráter ético e político.

A alegoria tem duas finalidades: a expressão de um conceito e a expressão de uma ideia personificada. Desta maneira, a alegoria passa a ser uma forma de expressão. A alegoria é uma substituição da ideia, ao contrário do símbolo que é o próprio conceito corporificado (VALLADARES, 1972).

Teoricamente, as alegorias devem ser elaboradas com o máximo de simplicidade, como na antiguidade clássica, para que o objeto a ser significado possa ser reconhecido com maior clareza e facilidade. A alegoria na Idade Média é didática e cristã, enquanto a alegoria barroca e neoclássica retorna à antiguidade. A época barroca é marcada pelos seus excessos, dentre eles o exagero de símbolos. O estilo neoclássico se caracteriza pela exaltação de uma única figura como meio de torná-la mais imponente.

Com o romantismo, começaram a ser representadas as emoções e sentimentos em forma de alegorias. A dor, a saudade, a desolação, a meditação, o amor-materno, a alegria, a tristeza e outros. E, “ao mesmo tempo, introduz as alegorias referentes a novas realidades políticas e econômicas, como a revolução, a república, a indústria e a navegação” (VALLADARES, 1972).

Nota-se que mesmo com um conteúdo romântico, as obras alegóricas dos cemitérios são representadas dentro dos padrões do classicismo.

As alegorias funerárias aparecem desde a antiguidade. Conforme os anjos celestiais vão aparecendo com menor frequência nos cemitérios, a ocorrência das alegorias vai aumentando em número e variedade.

As alegorias, em geral, são figuras femininas, representadas nos padrões do acadêmico clássico, personalizando a dor, a meditação, a consolação, a saúde, a desolação, a oração, a fé, a caridade e a esperança. Assim, pode-se constatar que tanto aparecem alegorias de princípios cristãos como alegorias de emoções (VALLADARES, 1972).



Fig. 9: Pranteadora, família de Lorenzi, Cemitério da Santa Casa
Fonte: <https://commons.wikimedia.org>, acesso em 27/09/2017.

Celebrativa:

Para Valladares (1972), a terceira tipologia a ser inventada foi a cívico-celebrativa. Nesta categoria se enquadram os jazigos-monumentos dotados de uma dupla função:

- servir de sepultura;
- celebrar a memória de personalidades de destaque no mundo político, econômico, social e cultural.

Devido a essa dupla função, estes túmulos costumam retratar o morto e alegorias representativas das atividades exercidas ao longo da vida ou da sua ideologia. Em geral, essas sepulturas foram financiadas pelo Governo, corporações, entidades empresariais ou, mesmo, por grupos de amigos e familiares. Esta tipologia reafirma os valores políticos e também atende ao princípio positivista do culto cívico no líder e da conservação de sua memória (VALLADARES, 1972). O estudo de caso que veremos mais adiante se enquadra nesta categoria.

Dentro do ritual de sepultamento existem várias formas externalizar o sentimento referente àquele que faleceu. Essas expressões são representadas desde o ato de velar o corpo até na construção do túmulo, que pode ser ornamentado com diversos símbolos, os quais fazem referência ao ente perdido.

O conjunto artístico reunido no espaço cemiterial são produtos provenientes de sensibilidades estéticas, crenças e ângulos discursivos. Tais multiplicidades estão retratadas na pedra e no bronze das estruturas tumulares, revelando na arquitetura e na estatuária a religiosidade e a ambição de formular um legado e uma narrativa para as próximas gerações (BORGES, 2016).

A arte fúnebre, como já dito, também pode ser concebida como forma de ostentação por famílias com certo poder aquisitivo. Sendo assim, este tipo de arte não corresponde apenas a gestos e signos, mas também pela qualidade e durabilidade de seus materiais que vão reforçar o “status” do túmulo e da família que o encomendou.

2.1.2- Materiais

Inúmeros podem ser os tipos de materiais utilizados na construção e na ornamentação das obras tumulares. O bronze, a argamassa e o mármore são os mais comumente encontrados. Neste trabalho, será estudado apenas o mármore que é o material que foi utilizado para a construção do túmulo que servirá de estudo de caso.

As rochas são um agregado de um ou mais minerais, cujos componentes são naturais. Quando íntegras, apresentam uma boa consolidação dessas partículas e, por isso, são bastante utilizadas pela humanidade na confecção de trabalhos/objetos a que se pretende atribuir durabilidade.

Do ponto de vista geológico, as rochas podem ser enquadradas em três grandes grupos genéticos: ígneo, sedimentar e metamórfico. Em relação à questão comercial, as rochas ornamentais (matérias geológicas naturais extraídos na forma de blocos ou placas, cortados em variadas formas e beneficiadas por meio de polimento, lustro, etc), são subdivididas basicamente em granitos e mármore, existindo ainda outras rochas comercialmente importantes como o quartzo, serpentinito, travertino, calcário (também chamado de *limestone*) e ardósia (KUZMICKAS, 2013, p. 20).

A estrutura estética e estrutural dos monumentos esculpidos em pedras como o granito e o mármore pode ser comprometida devido aos processos de degradação inevitáveis aos objetos expostos ao meio ambiente, como no caso da arte tumular. Porém este processo de degradação pode ocorrer de forma tão lenta que muitas vezes não é percebido ao longo da vida de um indivíduo. Esta evolução da degradação de forma tão vagarosa se deve ao fato das rochas mais resistentes terem uma complexa composição. Mas ainda assim, alguma obra tem sua degradação vista de forma mais explícita devido às suas características físicas ou devido às ações humanas, seja de forma direta ou indireta (REYS et al., 2008).

Todos os materiais pétreos da superfície da Terra, expostos nas paisagens naturais ou em construções são suscetíveis ao intemperismo, um problema identificado nos monumentos históricos desde a antiguidade.

Contudo, a velocidade do processo intempérico vem cada vez mais acontecendo de forma acelerada devido à poluição atmosférica urbana que vem aumentando, ou ainda pelo deslocamento das obras de forma indevida e atos de vandalismo, o que favorece a degradação visível dos bens patrimoniais.

O intemperismo relativo aos materiais rochosos, que é ainda mais hostil no que diz respeito aos bens tumulares, compreende três tipos: físico, químico e biológico.

O intemperismo físico é provocado por forças físicas que acabam gerando modificações na rocha. Outro fator que caracterizam o intemperismo físico é a intercalação de circunstâncias ambientais, como os ciclos de congelamento e descongelamento da água, solubilização-cristalização de sais ou expansão-retração termal. Essas variações podem acarretar no surgimento de fissuras, fragmentação ou escamação da rocha. O intemperismo químico é consequência de reações químicas que acontecem entre a água, dióxido de carbono

ou oxigênio do ar, com os minerais constituintes das rochas. As superfícies são as mais atingidas e podem trazer como consequências para o material pétreo a dissolução, redução, oxidação-hidratação, oxidação e hidrólise. O intemperismo biológico é definido pela colonização de organismos vivos, como musgos, algas, liquens e plantas superiores que se agregam ao material rochoso. Suas raízes podem provocar a fratura da pedra e também alterar os minerais que constituem as rochas devido aos ácidos que produzem (KUZMICKAS, 2013).

Os espaços cemiteriais sofrem com dois fatores de degradação determinantes: a incidência solar direta e a umidade excessiva. Esses fatores favorecem tanto ao intemperismo químico quanto físico. A umidade propicia as reações dos componentes rochosos, assim como favorece o surgimento de colonizações biológicas. Já a incidência solar aumenta a temperatura do objeto fazendo com que este se dilate e cause um estresse mecânico, que como vimos pode facilitar o aparecimento de fraturas. Esses são fatores que, embora extrínsecos, podem ajudar no planejamento da cobertura vegetal do cemitério, por exemplo, que nas proporções adequadas promove o sombreamento dos túmulos (COSTA, 2016).

Além da interação das características físicas e mecânicas das rochas com os agentes do meio ambiente, há também, procedimentos inadequados de fixação, limpeza e manutenção realizados por não especialistas, que provocam a deterioração das rochas que servem como suporte aos bens cemiteriais. “O que acaba resultando na alteração da superfície exposta da rocha, modificando ou danificando seu aspecto estético, pela perda de brilho e formação de manchas e, em longo prazo pode acabar alterando também sua estrutura” (REIS et al., 2008).

Portanto, conclui-se que os principais meios de degradação podem ser de natureza litológica, interação de materiais, condições climáticas, colonização biológica e microbiológica, poluição atmosférica, vandalismo, gestão defasada e métodos impróprios de conservação e restauro.

A identificação dos materiais e mecanismos de degradação de um bem é uma etapa fundamental para determinar medidas de conservação adequadas a serem realizadas, a fim de perpetuar esse patrimônio.

2.2. As medidas de proteção do cemitério e de seus bens integrados

Segundo o Código de Posturas do município (Lei nº 6240 de 21 de janeiro de 2005), “os titulares do direito de uso dos locais de sepultamento, vazios ou não, são obrigados a mantê-los limpos, conservados e numerados”. O desrespeito pode acarretar pena média. A legislação prevê ainda que continuando o abandono ou o mal estado de conservação por um

prazo superior de 12 meses, o proprietário deve ser intimado a comparecer à gerência do cemitério. O Código ainda diz que:

É facultado aos titulares do direito de uso dos locais de sepultamento a contratação de terceiros para construção e conservação dos jazigos. A execução do serviço só será permitida, entretanto, se os encarregados da construção, limpeza e conservação se acharem devidamente registrados e licenciados pelo Município. O concessionário será solidariamente responsável pelos danos causados a terceiros por obras realizadas no interior dos cemitérios municipais por profissionais por ele contratados (PETRÓPOLIS, 2005).

Ainda segundo o Código de Posturas, a limpeza deve ser feita de modo a não prejudicar os locais de sepultamento contíguos sendo vedada a baldeação e o uso exagerado d'água. O administrador do cemitério promoverá vistorias mensais, especialmente para verificar a regularidade de obras concluídas ou em curso e a conservação das sepulturas. É, também, papel do administrador do Cemitério enviar ao Secretário competente, a relação completa dos locais de uso concedido que se encontrem abandonados ou em mau estado de conservação. Entende-se por contínuo abandono a situação constante de má conservação do local, no qual a degradação física traga dificuldades para o uso próprio ou das sepulturas contíguas. Em caso de não comparecimento ou não conclusão das obras de reparo, o Secretário competente decidirá pela revogação da concessão. As sepulturas retomadas serão destinadas preferencialmente à locação.

Observa-se que, atualmente, nenhuma orientação ou norma existente no intuito de conservar os locais de sepultamento diferencia os túmulos regulares dos túmulos com valor histórico e artístico.

A Associação de Moradores e Amigos do Centro Histórico (AMA-Centro Histórico) já elaborou uma proposta de tombamento do Cemitério Municipal de Petrópolis, reconhecendo a importância da preservação desse patrimônio. A preocupação surgiu por conta da falta de manutenção, cuidado e segurança, que vem resultando na depredação de algumas sepulturas.⁹ Em entrevista informal Myriam Born, presidente da AMA-Centro, afirmou que o projeto não teve prosseguimento visto que:

Não conseguimos nem mesmo que o município tenha um órgão físico de preservação. Ou seja, um departamento técnico. Temos muitas demandas básicas. As autoridades da cidade, a começar pelos prefeitos, até agora não entendem que a preservação é uma condição de sustentabilidade do próprio município. Infelizmente é tudo muito difícil. É preciso criar-se uma frente para a preservação de Petrópolis.

⁹ RIBEIRO, Jaqueline, *Associação quer tombamento do cemitério*, Tribuna de Petrópolis, 10 de julho de 2013.

Tombamentos de cemitérios com importância histórica, arqueológica, artística ou religiosa ocorrem no Brasil desde a década de 1930, por iniciativa do Iphan ou por leis municipais. Porém o tombamento não se torna garantia da ideal restauração e preservação desses espaços, já que “não existem normas institucionais concretas entre o Iphan e o Ibram que favoreçam a preservação dos cemitérios no Brasil” (BORGES, 2016, p. 3).

No Cemitério de Municipal Petrópolis, podemos observar que sepulturas com grande potencial turístico e que poderiam servir como fontes de pesquisa estão em péssimas condições, como por exemplo, o túmulo do escritor Raul de Leoni (fig. 10 e 11). Nele, já não é possível fazer a leitura dos dizeres que se encontravam sobre o túmulo.



Fig. 10 – Túmulo Raul de Leoni

Fonte: Alves, 2017



Fig. 11 – Detalhe túmulo Raul de Leoni

Fonte: Alves, 2017

Em entrevista informal, Sandra, que é contratada pelas famílias para fazer a limpeza dos túmulos, conta que alguns poucos túmulos têm tratamento diferenciado, como é o caso do túmulo do escritor austríaco Stefan Zweig. Ocionalmente grupos de turistas visitam a necrópole para prestar homenagens a ele, especificamente. Sendo assim, o administrador do Cemitério instrui os funcionários para que se faça uma lavagem periódica em seu túmulo.

Esta postura, que não exige tanto empreendimento, poderia ser estendida a outros túmulos, que muitas vezes são negligenciados pela administração e, consequentemente deixam de ser reconhecidos e explorados pela sociedade.

3. ESTUDO DE CASO: TÚMULO DE MARECHAL HERMES DA FONSECA

O estudo de caso apresentado neste capítulo trata da análise do estado de conservação do túmulo de Marechal Hermes da Fonseca localizado no Cemitério Municipal de Petrópolis. Este estudo compreende a identificação das alterações encontradas no túmulo, assim como seus possíveis agentes causadores. O capítulo também traz as medidas práticas de conservação ideais para a perpetuação do acervo funerário de todo o cemitério.

O olhar investigativo que se lança sobre determinado objeto é importante para revelar o quanto ele pode ser singular e significativo para sociedade. E também age como forma de incentivo quanto o aumento do interesse e respeito diante de outros bens dentro do espaço cemiterial.

3.1- História, arte e técnica

Hermes Rodrigues da Fonseca, o oitavo presidente do Brasil (governou de 1910 a 1914), nasceu no dia 9 de maio de 1855 na cidade de São Gabriel, no Rio Grande do Sul. Sobrinho do primeiro presidente da República, marechal Deodoro da Fonseca, Hermes também era militar e estudou na Escola Militar, onde teve aulas com Benjamim Constant. Quando seu tio proclamou a República brasileira, era capitão ajudante-de-ordem e participou da causa desde 1878, como um dos fundadores do Clube Republicano do Circuito Militar, responsável pela articulação do movimento que derrubou a monarquia (FOGUEL, 2016).

Sua relação com a cidade de Petrópolis ocorreu a partir de seu casamento com Nair de Teffé, carioca que se mudou para a serra fluminense aos 15 anos de idade. Nair, a primeira cartunista mulher do Brasil, tinha uma ligação muito próxima com a cidade, sendo, dentre um de seus feitos, a responsável por transformar a Associação Petropolitana de Letras em Academia.

Aos 58 anos, Marechal Hermes da Fonseca casou-se com Nair, então com 27, em 8 de dezembro de 1913, um ano após o militar ficar viúvo de sua primeira esposa, Orsina, causando escândalo na sociedade. O casamento ocorreu em Petrópolis, no Palácio Rio Negro, naquele tempo residência oficial de verão dos presidentes da República, em 8 de dezembro do mesmo ano.



Fig. 12 – Hermes e a noiva Nair após a cerimônia religiosa

Fonte: A Ilustração Brasileira/Reprodução

A cerimônia foi concorrida e se tornou, até hoje, ímpar na história da república brasileira. Hermes da Fonseca tornou-se o único presidente a casar-se (embora pela segunda vez) durante o exercício de seu mandato¹⁰.

Quando deixou o poder, em 1914, Hermes da Fonseca envolveu-se em diversos incidentes políticos, entre eles a Revolta do Forte de Copacabana (1922), que o levou à prisão por seis meses. Libertado, retirou-se para Petrópolis, onde morreu poucos meses depois, em setembro de 1923, aos 68 anos.

Antes de falecer, dispensou todas as honras militares a que tinha direito. Segundo seu desejo, foi sepultado à paisana, tendo o corpo coberto com a bandeira do Brasil, de seda bordada a ouro, que as senhoras do Estado do Amazonas lhe haviam ofertado, quando, na qualidade de ministro da Guerra, inaugurou a Linha de Trem de Manaus, em 1908¹¹.

¹⁰ ENTINI, Carlos Eduardo, O casamento do presidente com a cartunista, *Estadão*, São Paulo, 8 dez. 2013. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,o-casamento-do-presidente-com-a-cartunista,9444,0.htm>>. Acesso em 03/10/2017.

¹¹ NETTO, Jeronymo Ferreira Alves, Brasileiros Ilustres em Petrópolis, *Jornal de Petrópolis*, Petrópolis, p. 3, 6 abr. 2002.

À chegada do Cemitério de Petrópolis, num gesto inédito, a senhora Hermes da Fonseca fez questão de carregar o caixão, segurando uma das alças. Marechal Hermes foi sepultado no túmulo de número 27.534 que foi mandado edificar por sua esposa¹².

Quando faleceu em 11 de junho de 1981, Nair de Teffé foi sepultada no mausoléu do esposo Marechal Hermes da Fonseca, obra que ela fizera construir e a ela conferira um registro histórico e sentimental de grande impacto na época e hoje uma obra viva que registra a mágoa sua e dos pais pelo falecimento do Presidente da República que fora humilhado e sucumbira de tristeza diante do exercício da ação política que sofrera¹³.

O túmulo de Marechal Hermes é composto por uma base retangular em mármore, tendo na parte central um retrato do presidente dentro de um nicho ovalado envolto por ramos de louro entrelaçados representando a vitória. Logo abaixo, gravado em relevo o epítápio: "Aqui jaz o grande soldado Marechal Hermes da Fonseca, vitimado pelos desgostos de sua violenta e injusta prisão efetuada aos 7 de julho de 1922". Na lateral encontram-se os dizeres:

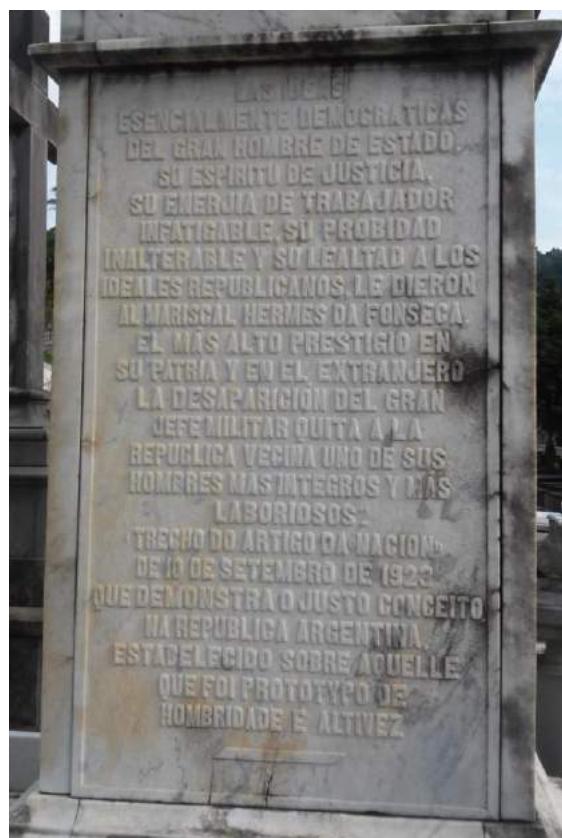


Fig.13 – Inscrição na lateral do túmulo

Fonte: Alves, 2017

¹² FROES, Gabriel Kopke, Curiosidades Petropolitanas, *Revista social*, Petrópolis, 16 maio 1965.

¹³ SANTOS, Joaquim Eloy, Notícias da Academia, *Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis, 23 mar. 2003.

Encimando essa base destaca-se uma coluna grega partida, também em mármore, que significa que a vida do Marechal foi interrompida inesperadamente. Pode representar também uma figura forte de um patriarca que se foi. Os ramos esculpidos a sua volta representam a fidelidade. Jesus Cristo crucificado, posicionado na horizontal, sobre o tumulo faz parte da simbologia cristã, uma forma de mostrar devoção¹⁴. Sobre o túmulo, logo abaixo do Cristo, há também o Brasão da República em baixo relevo. Há quatro tochas esculpidas em pedra localizadas nas pontas do túmulo. Elas simbolizam a iluminação, esperança e purificação.



Fig. 14 – Frente Túmulo Marechal Hermes

Fonte: Alves, 2017



Fig. 15 – Lateral Túmulo Marechal Hermes

Fonte: Alves, 2017

De acordo com o administrador do cemitério Ulisses Sampaio, o Exército Brasileiro faz a manutenção do túmulo de dois em dois anos como forma de prestar homenagens ao ex-presidente da República. Em 2013 foi colocada uma placa em seu tributo. Nela se diz “Aqui

¹⁴ Informações retiradas da reportagem de Marie Declercq, “Catalogando a simbologia da morte nos cemitérios de São Paulo” onde a historiadora da arte Vanessa Beatriz Bortulucce, que também ministra um curso de arte tumular no Museu de Arte Sacra, em São Paulo, fala sobre iconografia. Disponível em <https://www.vice.com/pt_br/article/vv4834/cemiterios-sao-paulo-simbologia-morte> acesso em 15/08/2017.

jaz no repouso eterno, o Marechal HERMES DA FONSECA, Presidente da República Federativa do Brasil no período de 15 de novembro de 1910 a 15 de novembro de 1914, e patrono do Comando da 1^a Região Militar, Região MARECHAL HERMES DA FONSECA. No 122º aniversário de criação do Comando da 1^a Região Militar, aqui estiveram presentes Oficiais e Praças que labutam naquele Grande Comando, para reverenciar a memória do seu patrono e antigo Comandante. Petrópolis, RJ, 1º de julho de 2013”.



Fig. 16 – Placa de homenagem

Fonte: Alves, 2017

3.2 - Estado de conservação

A presente pesquisa objetivou a identificação e análise dos tipos e das formas de alteração, degradação e das intervenções observadas no túmulo.

É preciso salientar que a avaliação do estado de conservação do túmulo foi feita a partir de exame organoléptico, sem o uso de instrumentos que poderiam dar um nível de precisão ainda maior a respeito das alterações.

Ainda hoje, muitos termos relativos às formas de alteração dos materiais pétreos podem gerar certos equívocos já que as definições apresentadas nos catálogos podem aparecer de maneira redundante. Por esse motivo foi elaborado pelo ICOMOS – ISCS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios – Comitê Científico Internacional para Pedra) o Glossário Ilustrado de Padrões de Deterioração de Rocha, editado e coordenado por V. Vergès-Belmin, que unifica termos e os exemplifica (KUZMICKAS, 2013). Esse glossário foi usado neste trabalho como base para a identificação e definição somente das alterações

relativas ao material pétreo encontradas no túmulo de Marechal Hermes. Outras alterações que não estão relacionadas diretamente com a degradação do mármore também serão abordadas, porém não fundamentadas com auxílio do glossário.

O glossário encontra-se dividido em seis famílias compostas por 2 a 11 termos: termos gerais, fissura e deformação, destacamento, feições induzidas pela perda de material, alteração cromática e depósito, colonização biológica.

Para tanto é necessário esclarecer que, segundo o glossário, se entende por:

- Alteração: Qualquer modificação do material. Não se caracteriza necessariamente por uma piora das suas propriedades físicas. Por exemplo, uma intervenção reversível aplicada sobre um objeto pode ser considerada uma alteração;
- Dano: Perda de valor causado por uma deterioração;
- Degradação: Qualquer modificação física ou química das características inerentes à pedra que cause perda de valor estético ou funcional;
- Deterioração: Sofrer ou acarretar uma diminuição da qualidade, valor, caráter, etc.; depreciação;
- Intemperismo: Modificação das propriedades físicas ou químicas da pedra devido à ação de agentes atmosféricos naturais.

A partir da análise visual do túmulo de Marechal Hermes foi possível constatar que seu estado de conservação é regular, apresentando danos que não interferem drasticamente na leitura e fruição do objeto, mas acabam diminuindo seu potencial estético. As alterações identificadas são de natureza litológica provenientes do intemperismo químico, físico e biológico. O monumento apresenta danos e deteriorações gerados por agentes climáticos e biológicos, além de intervenções anteriores que descaracterizaram as feições originais da edificação.

O Cemitério de Petrópolis é divido por uma rua com alta circulação de automóveis, o que favorece o surgimento dos danos resultantes da acumulação de fuligem vindas da poluição atmosférica, como crostas, depósitos e sujidades. Foi observada também a proliferação de espécies vegetais que podem vir a causar danos futuros, caso seu desenvolvimento não for impedido. Além disso, outros danos como fissuras, erosão, alteração cromática, materiais agregados ao suporte, perdas volumétricas e ainda deteriorações

referentes a representação do retrato memorial, estão presentes neste estudo de caso. Cada alteração e suas especificidades serão abordadas em detalhes a seguir.

A- Fendas:



Fig. 17 – Fenda na parte frontal do túmulo
Fonte: Alves, 2017



Fig.18 - Fenda na lateral esquerda do túmulo
Fonte: Alves, 2017



Fig. 19 – Fenda na lateral do túmulo
Fonte: Alves, 2017

Segundo a análise realizada no estudo de caso observamos fendas na parte lateral e frontal da base retangular da coluna e também na lateral do túmulo. As fendas se caracterizam pela separação de uma parte do todo em relação à outra e podem ser subdivididas em cinco tipos: fratura, fendilhamento em estrela, fissura, craquelê e divisão

No exame visual do monumento identificamos os subtipos *divisão* e *fratura*. Nas figuras 16 e 17 podemos observar as divisões, que consistem na separação dos planos devido ao sobre peso ali imposto. As divisões normalmente se encontram em elementos estruturais dispostos verticalmente, estes podendo rachar em diferentes pontos. Já na figura 18 é possível observar a fratura da peça. A fratura é definida como sendo uma fenda que atravessa por completo o elemento pétreo.

O aparecimento das fendas pode interferir bastante na fruição estética do objeto. Este tipo de alteração pode ser causado pelo intemperismo, falhas na pedra, pinos, pregos ou parafusos corroídos, argamassas de preenchimento muito rígidas, vibrações causadas por tremores de terra ou trepidações vindas da movimentação de meios de transporte, ou ainda, por incêndios ou temperaturas muito baixas (p. 10).

B- Erosão:



Fig. 20 – Erosão no Cristo crucificado

Fonte: Alves, 2017

É possível observar no Cristo crucificado que se encontra sobre o túmulo, a perda de detalhes de sua face e da coroa de espinhos. Essa suavização dos contornos e arestas acontece devido ao problema de erosão, que acaba por modificar a superfície original do objeto e também gera uma alteração na textura e nível de aspereza.

Este arredondamento da superfície ocorre com mais frequência em pedras propensas à desagregação granular. Já o aumento do nível de aspereza ocorre graças à perda gradual de pequenas partículas numa superfície anteriormente lisa. Em superfícies originalmente polidas esta fase identifica-se pela perda desse polimento. O surgimento pode se dar de maneira gradual, no caso de processos de deterioração natural, ou súbito, quando ocorrem ações inadequadas, tais como limpezas agressivas. Pode ser causada por processos químicos, físicos e/ou biológicos (p. 30).

C- *Crosta:*



Fig. 21 – Crosta na base da coluna

Fonte: Alves, 2017

Ao analisar o túmulo, foi possível constatar a existência de crostas negras logo abaixo da base da coluna que descaracterizam o aspecto original do objeto. Essas crostas são formadas pela acumulação de materiais vindos do ambiente externo. As crostas de cores escuras são mais comuns, mas também há a ocorrência de crostas de cores claras em materiais pétreos expostos às intempéries de ambientes externos. As crostas podem apresentar uma espessura homogênea, que acompanha a superfície da pedra, ou uma espessura irregular que

pode vir a atrapalhar a observação dos detalhes da superfície da obra. Neste estudo de caso, observamos que a crosta não chega a apresentar uma espessura que atrapalhe a forma dos relevos, porém essa crosta interfere claramente no aspecto cromático do objeto. As crostas costumam se formar em locais úmidos em que não aja incidência direta da água da chuva, que acaba removendo os depósitos.

A interação da crosta com o substrato pode ser intensa ou mais suave. Quando há uma interação forte, as crostas que se desprendem do substrato podem trazer junto o material pétreo. O termo depósito superficial deve ser usado quando não há a possibilidade de averiguação respeito do nível de interação da crosta com a superfície rochosa (42).

No caso do túmulo de Marechal Hermes, como não havia meio de se realizarem testes, supõe-se que exista uma crosta (fig. 20), por não ser uma superfície horizontal propensa ao acúmulo apenas superficial de materiais.

D- Depósito:



Fig. 22 – Depósito de fuligem

Fonte: Alves, 2017

Seguindo a análise visual do túmulo, identificamos depósito de material exógeno por grande parte de sua superfície horizontal. Neste caso, apresenta-se numa cor escura e provavelmente é resultante da fuligem produzida pelos automóveis que circulam pelo entorno do cemitério. Sua presença, como podemos observar, interfere bastante na leitura da obra.

Os depósitos podem ter uma espessura variável e, em geral, são poucos aderentes ao à superfície pétreia. Porém com o passar do tempo, junto com a agregação de sais pode acabar evoluindo para a formação de crostas.

“Salpicos de tinta ou argamassa, aerossóis de sais marinhos, partículas atmosféricas, pó ou fuligem, restos de materiais de conservação, partículas usadas na limpeza por abrasão, etc. podem ser considerados depósitos” (VERGÈS-BELMIN, 2008). Observa-se que os dejetos produzidos por pássaros e morcegos são considerados depósitos, enquanto ninhos de aves e teias de aranha devem são enquadrados na categoria de colonização biológica (p. 44).

Para evitar sua formação, é importante que se faça uma limpeza periódica a fim de se retirar os excessos de material exógeno. Porém, é preciso lembrar que a limpeza completa do objeto não é desejada, já que as marcas do tempo são fundamentais para sua história. O objetivo não é ter um monumento como novo, mas sim manter sua originalidade e integridade respeitando a pátina do tempo.

E- Alteração cromática:



Fig. 23 – Alteração cromática alaranjada

Fonte: Alves, 2017

Outra característica presente no túmulo é alteração cromática, que pode ser definida como a mudança de ao menos um dos três fatores que configuram cor da pedra: tom, luminosidade e saturação. No objeto desse estudo de caso podemos observar manchas alaranjadas no bloco de mármore abaixo da coluna, onde se encontra o retrato memorial. É possível notar que somente nessa área ocorre a alteração cromática, o que acaba por destoar esta parte do objeto do restante do monumento.

As alterações cromáticas podem afetar somente a superfície da pedra e/ou agir mais profundamente. Pode-se apresentar também, como *descoloração*, que é o aumento da luminosidade devido à alteração química de minerais ou extração de matéria cromática (por lixiviação ou lavagem, por exemplo), ou perda de polimento, normalmente muito leve.

As alterações cromáticas são geralmente causadas por sais, pela corrosão de metais, por microrganismos, ou por incêndios. “Algumas alterações cromáticas típicas, amarelas, laranjas, castanhas e negras, devem-se à presença de carotenoides e melaninas produzidos por fungos e cianobactérias” (VERGÈS-BELMIN, 2008, p. 46).

F- Sujidade:



Fig. 24 – Sujidade

Fonte: Alves, 2017

Ao analisar o túmulo, identificamos em áreas mais rugosas, como na fig. 24, a presença de sujidades, provavelmente causadas pelo escorrimento de água. A sujidade é caracterizada pela acumulação de uma camada fina de partículas do ambiente que deixam a superfície pétreia com uma aparência de suja. As sujidades diferem dos depósitos e crostas no que tange a sua espessura e possuem camadas mais finas, podendo vir a evoluir para depósitos e crostas com o passar do tempo à medida que aumenta em adesão e concentração.

Observa-se que a condição do substrato não é afetada pela presença de sujidade sendo sua remoção conseguida facilmente. O escorrimento de água na peça pode transportar partículas ou poluentes atmosféricos que têm ligação direta com o surgimento da sujidade (p.60). Limpezas periódicas com escovas de cerdas macias devem ser feitas para que ocorra a remoção das sujidades.

G- *Colonização biológica:*



Fig. 25 – Plantas crescendo no túmulo

Fonte: Alves, 2017

Entre um bloco de mármore e outro na lateral do túmulo é possível observar o crescimento de plantas, o que pode trazer consequências desfavoráveis ao monumento pétreo. As áreas em que a água é acumulada propiciam o desenvolvimento das plantas cujas raízes podem adentrar em juntas e fissuras e consequentemente gerar o maior afastamento desses espaços descaracterizando o objeto.

Além disso, “as plantas contribuem, também, para manter os ambientes úmidos, o que acaba intensificando outros processos, tais como a degradação salina” (VERGÈS-BELMIN, 2008, p. 64).

A colonização biológica de um monumento pode acontecer também pela proliferação de microrganismos como bactérias, cianobactérias, algas, fungos e líquens. Ninhos de animais também são considerados colonização biológica.

É indicada a inspeção constante dos monumentos e, se identificada a colonização biológica, esta deve ser interrompida pela sua remoção.

Outras alterações observadas, que não se referem a degradação pétreia, foram identificadas no estudo de caso, como veremos a seguir:

Material agregado ao suporte:



Fig. 26 – Restos de concreto agregados ao mármore

Fonte: Alves, 2017

Seguindo a análise do estudo de caso, foram identificados resíduos de concreto agregados ao mármore do túmulo. Estes resíduos, provavelmente, são oriundos da vedação do túmulo após o sepultamento do Marechal Hermes.

Ocorre que, talvez, pelo fato do enterramento posterior da esposa do Marechal ou por motivo de exumação, a tampa do túmulo teve de ser aberta e não foi vedada como antes. Hoje, observa-se um vão entre a tampa do túmulo e a base onde se encontra o epítápio. Acima desse vão são encontrados os resquícios de concreto da vedação anterior. Por meio de testes seria possível analisar o nível de interação desse concreto com o material pétreo para assim ser realizada sua remoção de forma segura.

Intervenção inadequada



Fig. 27 – Intervenção inadequada

Fonte: Alves, 2017

A intervenção identificada interrompe a leitura da obra é, sem dúvidas, a tentativa de restauração realizada no braço direito do Cristo crucificado onde antes havia uma lacuna, provavelmente resultante da ação mecânica accidental ou vandalismo.

Neste caso, nota-se que a intervenção realizada no Cristo crucificado não foi bem sucedida porque não segue os princípios básicos das teorias da conservação e restauração. Qualquer ação que vise a restauração da obra sua reintegração deve ser previamente estudada e testada de forma que não afete a leitura do objeto. É preciso que os materiais utilizados nos procedimentos de restauração não reajam de forma destoante dos materiais que compõem o objeto com o passar do tempo.

No caso apresentado, o material utilizado para fazer a intervenção se destaca por ser de uma tonalidade mais clara que o restante da peça e por não apresentar uma textura semelhante à continuidade do objeto. É preciso ter o cuidado também de não criar falsos artísticos. A reintegração deve ser realizada “com material levemente diferente, sendo possível a sua distinção do original, mas que não afete a leitura estética da obra”. (KUZMICKAS, 2013, p. 130).

É importante ressaltar que no caso do túmulo de Marechal Hermes, a restauração deveria passar pela supervisão de algum órgão ou especialista que vise a preservação do patrimônio cultural da cidade, visto sua importância histórica para a localidade. Muitas práticas inadequadas são realizadas devido a falta de instrução e conhecimento daqueles que, muitas vezes com boas intenções, acabam por danificar o objeto.

Do ponto de vista ético, MuñozViñas, teórico contemporâneo da Conservação, diz que “uma boa restauração é a que satisfaz um maior número de sensibilidades” (2005). O que não ocorre neste caso.

Alterações na camada pictórica do retrato:



Fig. 28 – Retrato memorial deteriorado

Fonte: Alves, 2017

Além das alterações relativas à pedra, temos também a deterioração do retrato memorial que se encontra bastante desgastado, o que dificulta sua leitura. O retrato se trata de uma pintura em esmalte sobre placa de metal. Podemos observar seu desbotamento e perdas da camada pictórica, além de uma pequena lacuna referente à placa de metal e sinais de corrosão na parte superior. Sua deterioração se dá pela exposição direta à luz solar e à chuva, que não são favoráveis a este material de natureza vulnerável aos processos intempéricos. Uma possível solução, que vise a diminuição da velocidade do processo de oxidação, seria a instalação de vidro antirreflexo com proteção UV para que não ocorram ainda mais danos e que ainda assim a obra possa ser observada em sua totalidade.

3.3 Medidas práticas de conservação

Podemos observar no Cemitério de Petrópolis algumas medidas de preservação inadequadas diante do estado de conservação do túmulo de Marechal Hermes. Certas práticas - ou a falta das mesmas - vão de encontro aos preceitos desenvolvidos pelas teorias de conservação e restauração existentes. Isto se deve ao distanciamento que ainda existe dos órgãos responsáveis pela preservação do patrimônio em relação ao Acervo tumular e muitas vezes pela falta de direcionamento dada aos funcionários do cemitério.

As obras que se encontram nos espaços cemiteriais são caracterizadas por se encontrarem sob constante ameaça, uma vez que, estão expostas a intempéries, poluição e a outros agentes nocivos encontrados na atmosfera. Buscam-se aqui, portanto, apresentar meios práticos e efetivos que possibilitem o prolongamento de sua existência, a fim de que possam ser conhecidas pelas gerações futuras, contribuindo para a concepção do patrimônio histórico, essencial à formação da memória dos indivíduos.

Para isso, um plano de conservação de conservação preventiva se faz necessário.

A conservação preventiva é composta por um conjunto de ações que visa o prolongamento de vida dos bens, mantendo suas características originais favorecendo a integridade e autenticidade do objeto, e o restauro visa intervir em prol do restabelecimento das concepções originais mais importantes do bem, aplicadas através da realização de ações especializadas visando a recuperação e a reintegração do bem cultural através de acompanhamentos arqueológicos e históricos do objeto (COSTA; CASTRO. 2015, p. 68).

Conservar para não restaurar. Este lema deve ser seguido quando se trata também dos monumentos funerários. As limpezas periódicas são essenciais quando se pensa na prevenção ou diminuição de danos nos ambientes cemiteriais, além de servirem como momentos oportunos para verificar se há a existência de circunstâncias desfavoráveis ao monumento e se há algum dano que deva ser reparado.

Em grande parte, as limpezas podem ser feitas com produtos e ferramentas acessíveis que fazem parte do cotidiano. Essas ações favorecem a continuação da existência íntegra dos materiais que constituem as obras tumulares por meio de um plano de medidas simples e viável. O tratamento e atenção adequados a cada elemento que compõe os bens tumulares é fundamental para a perpetuação de todo o conjunto funerário.

Procedimentos que não exigem muito esforço, como a remoção de poeira, fuligem, terra e excrementos de animais que se aglomeraram na superfície dos túmulos evitam o aparecimento dos depósitos e crostas que podem vir a prejudicar o substrato e a sua função

estética com o passar do tempo. Essa limpeza pode ser realizada com trinhas, escovas de cerdas macias, vassouras e espanadores, instrumentos comumente utilizados em qualquer tipo de limpeza e que podem ser operados por qualquer funcionário. Água e sabão neutro podem ser utilizados com certo intervalo de tempo quando os materiais depositados forem de difícil remoção. A esfregação deve ser moderada para que não se desagregue material e também para se respeitar a pátina do tempo.

Segundo Costa (2016), pesquisas científicas mostram que “muitos dos procedimentos de limpeza que vêm sendo aplicados há décadas em monumentos compostos por rochas, com o tempo, se mostraram altamente agressivos e causaram danos ainda maiores ao patrimônio”. (p. 48). Produtos de limpeza fortes, normalmente utilizados nas casas ou em objetos do cotidiano, podem ser muito prejudiciais às rochas.

Jatos de materiais abrasivos ou de água pressurizada e o uso de vapor de água ou de produtos químicos também são ações muito agressivas, e podem chegar a causar dissoluções ou perdas superficiais que, acabam desfigurando a superfície arquitetônica ou escultórica com o passar do tempo. Segundo Adriano Braga dos Santos (2011), no caso da colonização por algas, líquens, musgos, fungos e plantas superiores, por exemplo, o aumento da rugosidade da superfície, resultante de uma intervenção de limpeza com abrasivos, poderá aumentar a velocidade da recolonização. Santos, afirma ainda que “o uso de água pressurizada também favorece a proliferação de microrganismos, devido à umidade proporcionada ao substrato e, portanto, não interrompe os processos de biodeterioração” (p.52).

Os agentes poluentes, principalmente os que vêm da queima dos combustíveis fósseis, como a gasolina e o diesel, também ocasionam danos graves ao patrimônio construído com rochas, acelerando processos de degradação. “Quando o dióxido de carbono se dissolve na água da chuva, levando à formação do ácido carbônico, essa reação acidifica a água e acelera processos de dissolução de certos minerais” (COSTA, 2016).

Costa (2016) esclarece que as partículas de poeira e poluição acumuladas nas obras podem piorar ainda mais sua deterioração, “pois combinados com as substâncias resultantes da dissolução das rochas, formam cristais de sais superficiais, os quais, além da degradação, causam problemas estéticos e são de difícil remoção” (p. 49). Essas partículas ou soluções também podem entrar nas porosidades das rochas e causar manchas irreversíveis.

Observa-se que limpezas com materiais agressivos como água sanitária, ácidos, amônia, escovas de cerdas duras, lixas etc. podem ser mais danosos às rochas que a própria chuva ácida, que corrói a superfície pétreas, deformando a obra em pouco tempo. Além disso,

a dissolução dos minerais causadas por esses produtos gera mais porosidade, favorecendo a colonização biológica.

Um trabalho de conservação feito de maneira correta pode favorecer uma completa fruição do objeto estético. Sendo assim, a preservação da originalidade das obras de arte é essencial, pois além de propiciar sua apreciação, ela também conserva seu valor documental. Para tanto, a pátina do tempo deve sempre ser respeitada. O que se torna um desafio muitas vezes, já que a maioria das pessoas tende a achar que um objeto limpo e “novo” é o ideal. A educação patrimonial tem papel fundamental para contribuir com a mudança desse pensamento.

As colonizações biológicas podem se tornar um grande problema para os monumentos funerários, portanto sua presença não é desejada. Fezes de insetos e pássaros e acúmulo de material orgânico podem causar danos como corrosão e machas devido à acidez que possuem. Já as plantas que se agregam à pedra devem ser evitadas graças às suas raízes que podem vir a penetrar o objeto e com seu crescimento acabam por causar fissuras e deslocamentos. A aplicação eventual de biocidas é indicada, mas deve ser feita de maneira cautelosa e com estudos e testes prévios já que se trata de um material forte e tóxico.

A água é grande inimiga dos materiais pétreos, pois acelera seus processos de degradação e propicia o crescimento de agentes biológicos como algas, musgos, líquens e fungos que acabam causando manchas e corrosão onde se agregam. Além disso, a água está diretamente ligada ao aparecimento de fissuras e fendas, porque quando absorvida causa o processo de dilatação da pedra e quando o material seca, gera a retração. Esta movimentação acaba por rachar a pedra, o que altera sua estética e favorece a penetração de mais água no objeto podendo levar à sua desintegração e perda (COSTA, 2016).

Nota-se que conjuntos escultóricos, alegorias e outros elementos ornamentais produzidos em pedra se diferenciam em relação à cor, brilho, textura, resistência etc., e sendo assim, não são iguais, apresentando mais ou menos danos. Mas é certo que todas as tipologias pétreas sofrem maior deterioração quando não ocorre o escoamento de água adequado.

Sendo assim todo cuidado deve ser tomado para que não aja seu acúmulo ou sua constância sobre o objeto. O calçamento por todo o cemitério deve auxiliar a drenagem das águas pluviais ou das utilizadas em limpezas, evitando seu acúmulo junto aos alicerces e às paredes. Deve- se estar atento ao aparecimento de vãos e buracos nos caminhos entre os túmulos, providenciando seu conserto imediato, pois os bens tumulares podem absorver essa umidade vinda do chão por capilaridade.

Portanto, os procedimentos mais eficazes e menos danosos ao patrimônio em pedra, quando este se encontra ao ar livre, são as limpezas periódicas com materiais pouco agressivos, a aplicação de biocidas e também a manutenção dos arredores dos túmulos.

Um plano de conservação que considere todos os espaços, as especificidades e os materiais do espaço cemiterial, e que seja um trabalho desenvolvido pela administração em conjunto com técnicos de algum órgão de preservação é recomendado.

Afirma-se que os cuidados com o acervo particular e de todo o conjunto cemiterial deva ser um trabalho desenvolvido em conjunto, de maneira articulada, envolvendo a administração do cemitério, a família concessionária do jazigo, os sepultadores e os zeladores, contratados pelos familiares para a limpeza dos túmulos. Sem a concorrência de todos os envolvidos, não é possível salvaguardar, com responsabilidade devida, o patrimônio-cultural dos cemitérios (COSTA, 2016, p. 37).

Dessa maneira, o trabalho de conservação dos bens tumulares exige um esforço de todas as partes envolvidas, o que precisa ser feito sempre mantendo o diálogo entre elas, seja para esclarecimentos, instruções ou sugestões, com o propósito de salvaguardar este segmento do patrimônio cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, os cemitérios foram construídos com uma função social definida: a de sepultar os mortos. Entretanto, esses espaços vêm pouco a pouco ganhando outros usos sociais além daquele originalmente estabelecido. O reconhecimento desses espaços como patrimônio cultural é cada vez maior, gerando na sociedade um sentimento de identificação quando esta passa a enxergá-los como locais de memória. A partir do momento em que a população passa a valorizar esse tipo de patrimônio, consequentemente a preocupação com a sua conservação aumentam, o que favorece a criação de políticas específicas que visem a preservação desses bens.

Nesse sentido, a conscientização da população é fundamental para que ocorra esse reconhecimento e identificação. Oferecer aos visitantes instrumentos de interpretação parece ser um bom caminho na estratégia de favorecer uma nova percepção do cemitério. Experiências como a instalação de espaços onde se pode encontrar uma narrativa sobre o cemitério, sua arte e seus mortos, já se mostram eficazes nessa significação e ajudam o visitante a compreender e assimilar a importância do local onde visitam.

Um dos novos usos sociais dos cemitérios, e certamente o de maior visibilidade, é o de finalidade turística. Atualmente muitos desses espaços tornaram-se, ou pretendem se tornar, pontos de visitação turística. Temos como exemplos o cemitério Cemitério de Highgate, em Londres, e o La Recoleta, em Buenos Aires. A transformação desses espaços em roteiros turísticos, ao que tudo indica, parece ser uma tendência por todo o mundo. Vários outros cemitérios têm preparado sua estrutura física para melhor receber essa nova demanda (MUNDIM, 2011).

Placas explicativas, mapas de visitação, agendamento de visitas guiadas e até túmulos com QR *code* para acesso a maiores informações, já são soluções encontradas em cemitérios brasileiros, como no Cemitério da Consolação, em São Paulo (vide guia de visitação no Anexo 2). Petrópolis, já sendo uma cidade turística, só teria a ganhar com esse tipo de investimento.

O aproveitamento turístico do cemitério deve ser difundido, pois acaba por ser um dos principais meios de proteção existentes no Brasil. Os monumentos mais visitados geralmente são os mais conservados, respeitados e vigiados (KUZMICKAS, 2013).

Ainda pensando na perpetuação da necrópole, além do turismo cultural, as visitas com finalidades educativas também podem fazer parte da rotina do cemitério. Visitas guiadas para

alunos, com o diálogo dos educadores, podem promover uma das etapas da educação patrimonial.

Conhecer o objeto em suas múltiplas perspectivas é importante na construção de ações de preservação, interpretação e uso. Enquanto a ignorância tende a levar a necrópole ao abandono e descaso, o conhecimento pode ajudar, por exemplo, na diminuição dos atos de vandalismos e no incentivo a elaboração de medidas de preservação.

O estudo de caso aqui apresentado evidencia a necessidade de políticas de preservação eficientes no Cemitério de Petrópolis. Essas medidas devem focar nos conceitos teóricos da conservação, ajudando a desenvolver o bom senso no momento de decidir quais tipos de intervenções devem ser adotadas.

Práticas inadequadas, mesmo que mínimas, podem levar a perda de informações importantes relativas à originalidade do objeto, o que pode prejudicar pesquisas em várias áreas do conhecimento. Os métodos de conservação inapropriados ou inexistentes, só tendem a acelerar os processos de deterioração, que nas necrópoles já é algo difícil de controlar devido à sua exposição a céu aberto. E no Brasil, infelizmente, poucos monumentos possuem uma manutenção periódica preventiva.

Diante disso, é necessário cobrar ações dos órgãos responsáveis pela preservação do patrimônio cultural da cidade para que se inclua o acervo funerário do Cemitério de Petrópolis na relação de bens a serem preservados. É importante também mostrar para a sociedade o seu papel essencial relativo ao esforço de se manter a integridade do acervo tumular para que este possa ser reconhecido e valorizado. Cartilhas simples, com informações que visam desde a sensibilização diante do acervo funerário até as medidas práticas de conservação, poderiam ser elaboradas pela administração do cemitério com a parceria de instituições culturais e, posteriormente, serem direcionadas aos funcionários do cemitério e aos concessionários com o intuito de instruir e incentivar o cuidado com esses bens.

Quanto à metodologia utilizada neste trabalho, esta se mostrou adequada, proporcionando resultados satisfatórios diante dos objetivos estabelecidos. É certo dizer que para um diagnóstico mais preciso do estado de conservação do túmulo de Marechal Hermes são necessárias ferramentas e equipamentos que se encontravam inacessíveis no momento.

Neste trabalho, foram apresentadas sugestões de intervenção que podem ser aplicadas ao conjunto funerário histórico do Cemitério de Petrópolis com o intuito de reverter o aspecto negativo que apresenta a valorização do patrimônio funerário da cidade, para que assim a população possa reconhecê-lo como um bem material que deve ser zelado por todos.

Por fim, é possível afirmar que esta pesquisa não esgota o tema, e sim, pode servir como estímulo a outros pesquisadores que queiram investigar a respeito do Cemitério de Petrópolis, o que pode ser feito sob diversas perspectivas, pois o assunto, como se viu, é multifacetado.

REFERÊNCIAS

ALVES, Julia Botelho T. *Acervo pessoal*. Petrópolis, 2017.

BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

BORGES, Maria Elizia. *Imagens da morte*: monumentos funerários e análise dos historiadores da arte. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História-ANPUH• São Paulo, 2011.

_____. *O cemitério como museu a céu aberto*- VII Congresso Internacional Imagens da morte: tempos e espaços da morte na sociedade, Brasil, São Paulo. 2016.

BORGES, Maria Elizia; CARNEIRO, Maristela. *A estatuária funerária no Brasil*: um olhar indagador sobre as imagens de Jesus Cristo nos cemitérios brasileiros. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 9, n. 27, p. 151-170, 2016.

BRETZ, Walter João. *Os cemitérios de Petrópolis*, Tribuna de Petrópolis, 12 ago. 1920.

CARSALADE, Flávio. Bem. In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 1. ed. Rio de Janeiro; Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (termo chave Bem).

CARVALHO, Luiza F.N. *Uma análise da alegoria e sua aparição na arte funerária*. In: 17º Encontro Nacional da ANPAP, 2008, Florianópolis. Anais do 17º Encontro Nacional da ANPAP, 2008. v. 1. p. 411-422.

CASTRO, Elisiana Trilha. *Aqui também jaz um patrimônio*: identidade, memória e preservação patrimonial a partir do tombamento de um cemitério (o caso do Cemitério do Imigrante de Joinville/SC, 1962-2008). 2008. 210 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade) - Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

_____. *Cemitérios em destaque*: iniciativas nacionais e internacionais pela preservação do patrimônio funerário. Florianópolis: Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, ABEC, 2010.

_____. *Cemitérios, nosso patrimônio nacional*: a ação do IPHAN com relação ao patrimônio funerário brasileiro. In: Anais do III Encontro nacional da ABEC, Piracicaba, 2010.

COSTA, G. S. ; CASTRO, V. M. C. . *Patrimônio Funerário do Cemitério Histórico de Santo Amaro, no Recife*: Estado de Conservação dos Primeiros Túmulos. FUMDHAMentos , v. 1, p. 50-73, 2015.

COSTA, Mozart Alberto Bonazzi da (Org.). *Conservação de bens tumulares*: caderno dirigido aos concessionários. Limiar, 2016.

ENTINI, Carlos Eduardo. *O casamento do presidente com a cartunista*, Estadão, São Paulo, 8 dez. 2013. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,o-casamento-do-presidente-com-a-cartunista,9444,0.htm>>. Acesso em 03/10/2017.

FOGUEL, Israel. *Brasil: Colônia, Império e República*. Clube dos autores, São Paulo, 2016, p. 60-71.

FROES, Gabriel Kopke, Curiosidades Petropolitanas, *Revista social*, Petrópolis, 16 maio 1965.

GRASSI, Clarissa. *Estudos cemiteriais*. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4

KUZMICKAS, Luciane. *Estado de conservação dos monumentos pétreos do Cemitério da Consolação, São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo (USP), 2013.

MARIA, Vania, *Turismo no cemitério*, Tribuna de Petrópolis, 2 nov. 2003.

MUNDIM, Luis Gustavo Molinari. *As necrópoles como patrimônio cultural: Reflexões sobre o inventário do Cemitério do Bonfim em Belo Horizonte*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho de 2011.

MUÑOZ VIÑAS, Salvador. *Contemporary theory of conservation*. Oxford e Burlington: Elsevier Butterworth-Heinemann, 2005.

NETTO, Jeronymo Ferreira Alves, Brasileiros Ilustres em Petrópolis, *Jornal de Petrópolis*, Petrópolis, p. 3, 6 abr. 2002.

NOGUEIRA, Renata de Souza. *Quando um Cemitério é Patrimônio Cultural*. 2013. 126f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

REYS, Aranda Calió; DEL LAMA, Eliane Aparecida; DEHIRA, Lauro Kazumi. *Monumentos da cidade de São Paulo: formas de alteração e conservação*. Revista CPC, n. 5, p. 93-122, 2008.

RIBEIRO, Jaqueline, *Associação quer tombamento do cemitério*, Tribuna de Petrópolis, 10 de julho de 2013.

RODRIGUES, Cláudia. *Lugares dos mortos nas cidades dos vivos*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, DGDIC, 1997.

SANTOS, Joaquim Eloy, *Notícias da Academia*, Tribuna de Petrópolis, Petrópolis, 23 mar. 2003.

SANTOS, Sara Jane. *A Arte Cemiterial como Fator de Distinção e Eternização do Status Social no Cemitério São Francisco de Paula. O Mosaico*, [S.l.], fev. 2014. ISSN 2175-0769.

Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/mosaico/article/view/64>>. Acesso em: 27 Set. 2017.

SANTOS, Adriano Braga dos. *Identificação Biológica e aplicação de biocidas na população microbiana que forma os biofilmes de alguns monumentos históricos da Bahia*. Universidade Federal da Bahia – UFBA, 2011.

SOUZA, D. C. de. *Arte tumular: uma expressão social por meio dos signos da morte*. Acesso: dezembro/2012. Disponível:http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto_todasasletras/inicie/DeniseSouza.pdf.

VALLADARES, Clarival P. *Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros*. Rio de Janeiro: MEC – Conselho Federal da Cultura, 1972

VERGÈS-BELMIN, V. (Ed.). *Illustrated glossary on stone deterioration patterns/ glossário ilustrado das formas de deterioração da pedra*. English-Portuguese Version / Versão Inglês-Português, Portuguese translation of the English-French edition of 2008. Tradução portuguesa da versão inglês-francês de 2008 por José Delgado Rodrigues e Maria João Revez (2016). Paris: ICOMOS-ISCS, 2008.

Leis consultadas:

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

Decreto Lei nº25, de 30 de novembro de 1937. *Organiza a Proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Brasília, DF, 1980.

Lei nº 6240 de 21 de janeiro de 2005, *Institui o Código de Posturas do Município de Petrópolis, Petrópolis*, 2005.

ANEXO 1



G1 | Na TV | Esporte | Aeroportos | VC no G1

02/11/2013 14h35 - Atualizado em 02/11/2013 14h35

Em Petrópolis, RJ, túmulos de personalidades são atrativo turístico

Restos mortais da família real estão na Catedral São Pedro de Alcântara. Sepultura de Stefan Zweig recebe, em média, 50 visitas por mês.

Fernanda Soares
Do G1 Região Serrana

[Comente agora](#)

[Tweetar](#)

[Recomendar 3](#)



Restos do Imperador Pedro II estão na Catedral de Petrópolis (Foto: Divulgação/ Prefeitura de Petrópolis)

]

Até o fim deste sábado (2), Dia de Finados, cerca de 25 mil pessoas devem passar pelos sete cemitérios de **Petrópolis**, Região Serrana do Rio. As famílias têm o costume de visitar parentes e amigos falecidos, mas, na cidade imperial, a ida ao cemitério é também um programa turístico. Os restos mortais do imperador D. Pedro II, da imperatriz Tereza Cristina, da princesa Isabel e de seu marido, o conde D'Eu estão na cidade. O mausoléu imperial fica na Catedral São Pedro de Alcântara, um dos principais pontos turísticos da cidade.

Os túmulos do imperador e da imperatriz, esculpidos em mármore de carrara, ficam à direita da entrada da igreja protegidos por grades. "O mausoléu é um dos pontos relevantes da visita, que transcende o Dia de Finados, tendo movimento o ano inteiro", diz Luiz Carlos. Uma vez por ano, o IHP lembra o nascimento e a morte de D. Pedro II, que ocorreram dias 2 e 5 de dezembro, respectivamente, com uma homenagem. Na ocasião, que este ano acontecerá no dia 1 de dezembro, os presentes têm a oportunidade de chegar mais perto do imponente mausoléu, já que as grades são abertas.

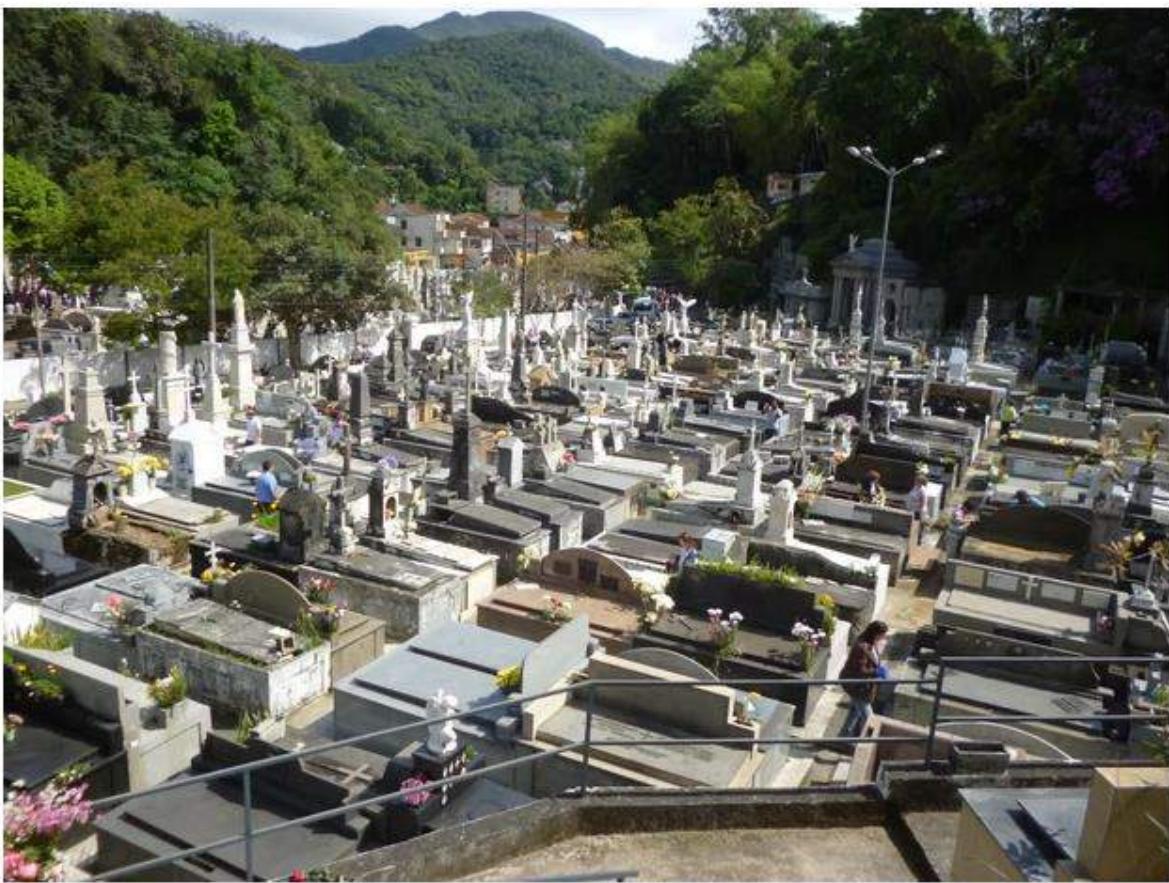
No Cemitério Municipal, no Centro, estão os túmulos de figuras com importância nacional e internacional, como o escritor austriaco Stefan Zweig e o presidente marechal Hermes da Fonseca, além da campa do engenheiro que projetou Petrópolis, o major Júlio Frederico Koeler.



A campa de Stefan Zweig em Petrópolis (Foto: Andressa Canejo/G1)

A Prefeitura de Petrópolis não sabe ao certo quantas personalidades foram sepultadas no principal cemitério da cidade, mas a estimativa é de que 30 figuras com representatividade histórica tenham sido enterradas em terra petropolitana. Segundo o administrador dos sete cemitérios da cidade, Ulisses Reis Sampaio, o túmulo mais visitado é o do escritor, poeta e romancista Stefan Zweig. "Ele atrai turistas o ano inteiro, principalmente austriacos, suecos e alemães. Os próprios funcionários encaminham os visitantes que costumam deixar pedras no túmulo do escritor. É um hábito que faz parte da cultura dos alemães", diz Sampaio,

acrescentando que cerca de 50 pessoas passam pelo túmulo de Zweig mensalmente.



No cemitério de Petrópolis se encontram muitas personalidades enterradas (Foto: Andressa Canejo/G1)

O grande interesse dos turistas pelas personalidades sepultadas na cidade motivou a Fundação de Cultura e Turismo de Petrópolis a incluir o Cemitério Municipal, que fica na Rua Fabrício de Mattos, próximo a praça Oswaldo Cruz, no 'Círculo a Pé'. O projeto se caracteriza pela implantação de sinalização turística com o objetivo de incentivar o turista a conhecer os principais atrativos do município através de uma caminhada. Até dezembro, 89 placas direcionais estarão espalhadas pelo centro e o cemitério está em três delas. "O hábito de visitar a sepultura de pessoas importantes é comum em diversos países e, como temos esta demanda aqui em Petrópolis, optamos por facilitar o acesso do turista aos túmulos", explica a diretora de turismo da Fundação, Evany Noel.

A maioria dos 'famosos' enterrados no Cemitério Municipal têm forte ligação com Petrópolis. O escritor Stefan Zweig veio para a cidade com a esposa após se aposentar. Ambos cometeram suicídio na casa onde moravam, no bairro Valparaíso. Para o presidente do Instituto Histórico de Petrópolis (IHP), o pesquisador Luiz Carlos Gomes, "o fato da casa onde ele morou e o local onde foi enterrado ficarem próximos desperta ainda mais o interesse daqueles que conhecem ou querem conhecer sua história. Ambos os pontos recebem turistas do mundo inteiro", lembra o pesquisador.

Petrópolis preserva a história em cima e debaixo da terra



A campa de Koeler ainda é visitada após transferência de seus restos mortais (Foto: Andressa Canejo/G1)

Segundo artigo escrito pelo historiador Joaquim Eloy e publicado em um jornal local em novembro de 1993, a cidade imperial, proporcionalmente, está entre as primeiras do país no ranking de campas importantes reunidas por metro quadrado. "Um passeio pelo campo santo é uma aula de história, uma galeria de arte, um encontro cultural de rara expressividade", afirma Eloy na publicação que pode ser acessada nos arquivos da sala Petrópolis, da Biblioteca Central Municipal Gabriela Mistral.

O homem que projetou a cidade e o primeiro cemitério, que era localizado onde hoje está a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, na Rua Montecaseros, também foi enterrado em Petrópolis.



Campa de Marechal Hermes da Fonseca em Petrópolis (Foto: Andressa Canejo/G1)

O major e engenheiro Júlio Frederico Koeler, foi sepultado no Cemitério Municipal. Posteriormente, seus restos mortais foram transferidos para a Praça Princesa Isabel, onde foi erguido um monumento em homenagem ao alemão naturalizado brasileiro.

Apesar de vazia, a campa continua sendo visitada. Joaquim Eloy cita ainda o governador do Estado do Rio, Thomás da Porciúncula, e o poeta Raul de Leoni, como figuras que nasceram e foram sepultadas em Petrópolis. Jazem ainda no maior cemitério da cidade, que tem 70 mil pessoas enterradas, o

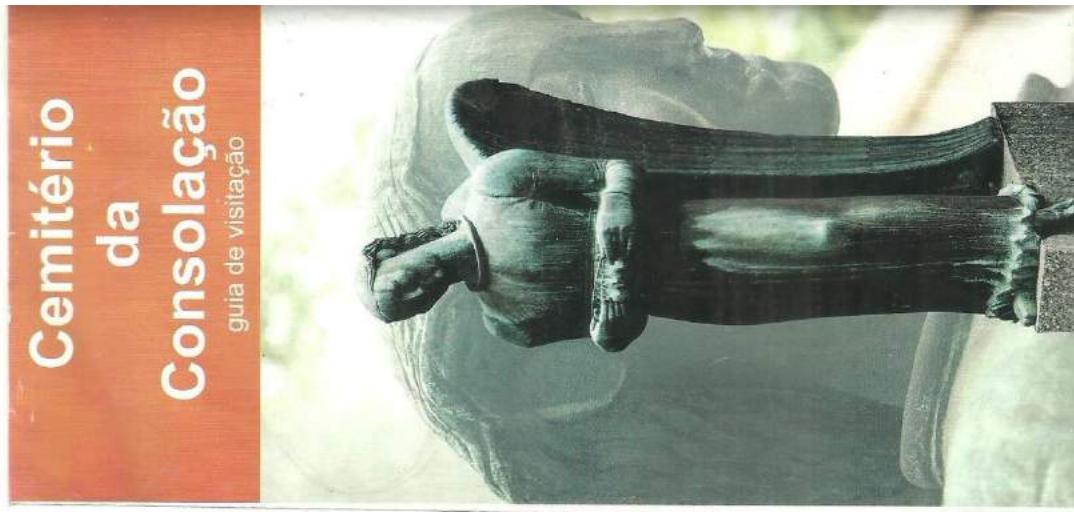
presidente Marechal Hermes da Fonseca, junto com a esposa Nair de Teffé e o sogro Almirante Barão de Teffé. O apresentador e compositor Flávio Cavalcante; o professor de alemão de D. Pedro II, Frederic Ottier; o conde da Mota Maia; e o médico e político Nelson de Sá Earp, que dá nome a uma rua da cidade, também estão entre os mortos enterrados no Cemitério Municipal de Petrópolis.

tópicos: Petrópolis

<http://g1.globo.com/rj/regiao-serrana/noticia/2013/11/em-petropolis-rj-tumulos-de-personalidades-sao-atrativo-turistico.html>

Acesso em 02/11/2017.

ANEXO 2



■ Inlectuais, Artistas e Personalidades Públicas	
1	Antônio Da Silva Prado Mastro Da Infância e primato Prefeito Da Cidade Quinta 93, l. numero 2)
2	Altino Arantes Presidente da Província (quinta 25 A-8)
3	Carvalho Pinto Governador de São Paulo (quinta 44, l. numero 56)
4	Lucas Nogueira Garozz Comerciante São Paulo (rua 17, l. numero 4)
5	Maruá Da Mota Alves (João Da Costa Cavalo) Receptor do Império (rua 2, l. numero 8)
6	Bento Da Antonina Senador do Império (quarta 17, Terreno 87)
7	Armando Da Sales Oliveira Governador da São Paulo (quarta 17, l. numero 9)
8	Carlos Da Campos Presidente da Província (rua 37, l. numero 21)
9	José Maria Whicker São Paulo Comerc. Ponto 04 (quinta 13, l. numero 41)
10	Alvare Soárez Governor do Estado (quinta 80, l. numero 67)
11	Campos Sales Presidente da Repúblca (quinta 82)
12	Antônio Melo Prefeito da São Paulo (rua 64, l. numero 12)
13	Coronel Da Cunha Presidente Da Província (quinta 35, l. numero 12)
14	Washington Luis Presidente da Repúblca (quinta 22, l. numero 14)
15	Bernardino Da Campos Presidente Da Província (rua 35, l. numero 11)
16	Ademar De Barros Governador do Estado (rua 7, l. numero 20)
17	José Thiriba Prefeito Comandante do Estado (rua 20, l. numero 20)
18	José Aristonino Pinto Medico e Deputado Federal (rua 10, l. numero 22)
19	Mamoraria J. Savoia Caixa Fábrica E. E. Inc. (1913 rua 37, l. numero 12)
20	Colo Antônio Luz 1866, 1927
21	Conde Francisco Marazzzo
22	Antônio Da Rocha Marinho Mergulho e Jornalista Santo do Rio (rua 17, l. numero 8)
23	Rufo Emílio Sales Gomes Cônsul da Itália (rua 14, l. numero 11)
24	Rubens De Falco Avr. 67, l. numero 48)
25	Itália Faustina Avr. 12, l. numero 35)
26	Ramón De Azavedo Engenheiro agrônomo (rua 24, l. numero 156 E-156)
27	Pérola Byington Horticultor e assist. social (rua 21, l. numero 27)
28	Ásia Franco Educadora e escritora (rua 12, l. numero 29)
29	Tarsila Do Amaral Pintora (rua 36, l. numero 46)
30	Marcelo Tupyriamá Ferreiro (Lobo) (ruas 22, 24, 26, 28, 30, 32, 34, l. numero 6)
31	Olívia Guedes Perfeito Pintora (rua 13, l. numero 3)
32	Cícero Pompeu Da Toledo Dirigente esportivo (rua 1, l. numero 10)
33	Carolina Da Campos Cestaria (rua 11, l. numero 25)
34	Flávio Império Acuador e Físico Plástico (rua 13, l. numero 31)
35	João Mendes Pintor (rua 12, l. numero 5)
36	Emílio Ribeiro Santamente e criador do Instituto Ribeiro (quinta 14, l. numero 6)
37	Paulo Souza Avr. 12, l. numero 33)
38	Paulo Vanzolini Zoólogo e Conservador (rua 27, l. numero 4)
39	Cândido Fontoura Farmacêutico e Empresário (rua 38, l. numero 12)
40	Emílio Góes Político e Ex-Governador (rua 13, l. numero 2)
41	Mário De Andrade Poeta e Escritor



Fonte: Alves, 2017.